

SUMÁRIO

1. Ser viticultor em 1931
2. Festa de Santo André
3. Os Cunhais
4. As Festas de Agosto no Estreito de Câmara de Lobos
5. As Festas de Setembro na Quinta Grande
6. As Vindimas no Estreito de Câmara de Lobos
7. A Ceifa do Trigo na Quinta Grande
8. O Natal no Estreito de Câmara de Lobos, em 1934
9. Os Funerais no Estreito de Câmara de Lobos, em 1929
10. As Missas do Parto No Estreito de Câmara de Lobos
11. A Quadrilha dos Ceroulas Brancas
12. A Origem da Denominação "Fonte Frade"
13. Origem da Denominação de "Pêros Domingos"
14. Origem da Denominação de "Furneira"
15. As Professias de Bandarra
16. A Levada da Velha
17. A Boca dos Namorados
18. Dar Com Uma Mão e Tirar Com a Outra
19. As Origens das Festas das Cerejas
20. Os Apelidos
21. Frei Pedro da Guarda
22. Frei Pedro da Guarda – Estudo de Nuno Montemor

1. SER VITICULTOR EM 1931

"Quantas vezes o nosso bom lavrador ao trincar a vide no podão pensará deste ou semelhante modo: Agora começa a poda, logo após a adubação e a seguir a empa. Depois de rebentar a vinha terei em mãos as contínuas incómodas sulfatagens a que me obriga o Sr. mildio e as pulverizações de enxofre que tanto me fazem arder os olhos quando à noite os procuro cerrar para me entregar nos braços de Morfeu, e me roubam um bom pedaço de sono que tanto me sabe depois de um dia deste trabalho! Mas se fosse só isto! E as esfolhas! É verdade, também as tenho de fazer.

Mas ainda não é tudo, a cava da vinha também não a posso deixar para trás. Ah! fortes dias de incómodo trabalho me vai dar ela! Quando penso que terei de andar dias quase inteiros de joelhos a cavar debaixo das latadas e, algumas vezes, até de rojo como uma cabra, enchendo a boca e os pulmões de pó, fico com o miolo a andar à volta.

Mas depois disso é preciso dar-lhe uma rega! E a água!

O sol tem secado as fontes todas... Se continuar esta estiagem como poderão as fontes rebentar? E a pouca água que ainda fica por que preço a poderei comprar por hora?

Depois de tanto trabalho que me deixarão para vindimar o Sr. míldio mais o seu compadre oídio e essa senhora a que chamam gota que agora também entendeu se juntar aqueles nossos amigos para ajudá-los a dar cabo de uma cultura que tanto trabalho nos custa?

No fim de tudo isto, por quanto posso vender um barril de vinho?

Ai as minhas dívidas! E os vendeiros não me querem já fiar mais.

Com o produto da minha colheita poderei saldar as minhas contas?

Lá com o bordado da minha mulher e das pequenas nem sequer conto, ele mal dá para as linhas e para o sal que se deita no milhinho que ainda com muito custo me fiam.

Isto vai dar bom valha-nos Deus”¹.

2. FESTA DE SANTO ANDRÉ

A Festa de Santo André Avelino realizada na paróquia do Carvalhal, freguesia dos Canhas, *“é uma efeméride com grandes tradições não só no seio da comunidade local, mas curiosamente também, e de um modo particular, junto das gentes de Câmara de Lobos. Estes forasteiros costumam, ano após ano, marcar também uma presença assídua nestas festividades, organizando inclusive excursões de propósito para participar com pompa e circunstância neste arraial que se festeja na paróquia do Carvalhal, no alto da freguesia dos Canhas, a caminho do Paul da Serra”*².

3. OS CUNHAIS

Até ao início do último quartel do século XX, era frequente verem-se, nos antigos caminhos municipais da freguesia do Estreito, transportar em corsas, vários tipos de produtos produzidos nas suas zonas mais altas e destinando-se às zonas mais baixas ou à freguesia de Câmara de Lobos, nomeadamente, produtos agrícolas, lenha, varas de pequeno porte, fagulha, etc., o mesmo acontecendo com varas de maior porte, estas transportadas por deslizamento directo sobre o piso dos caminhos. No entanto, este meio de transporte, dada a dificuldade em o manter numa posição central relativamente às bermas e a velocidade que às vezes atingia, levantava alguns problemas como os da danificação dos muros ou paredes de residências situadas à margem dos caminhos e contra os quais roçavam ou embatiam violentamente, danificando-os sem que os proprietários dos mesmos fossem indemnizados pelos estragos sofridos.

Para obviar tal facto, os proprietários desses muros ou prédios, costumavam protegê-los colocando pedras ou cunhais junto a eles, evitando assim o embate directo ou criando um certo distanciamento entre o material transportado e a vedação existente. Consoante a importância da vedação a proteger ou poder económico do seu proprietário, assim também mais ou menos elaborados eram tais protecções, podendo ser de cantaria lavrada ou simplesmente constituídas de pedras, que eram introduzidas pela calçada abaixo, junto dos muros. O seu número

¹ O Jornal, 3 de Março de 1931.

² Festa dos Canhas. Diário de Notícias, 12 de Novembro de 1999.

também variava da mesma forma e com o maior ou menor risco de danificação, encontrando-se uma maior concentração de cunhais junto das curvas e menor número nas rectas.

O acesso fácil aos meios de transporte motorizados e o abandono de certos hábitos de vida acabaram radicalmente com este tipo de transporte e consequentemente com os problemas dele decorrentes, passando tais protecções a não serem mais do que estorvos. Por isso mesmo, a pouco e pouco foram desaparecendo, quer retirados pelos proprietários dos muros que antes protegiam e que a isso foram obrigados ou, então, na sequência de obras de alargamento ou repavimentação.

Com a justificação de que muitas destas pedras, cunhais ou escoras junto dos muros roubavam na largura da estrada 60 cm e às vezes mais, prejudicando a estética das mesmas e dificultam a passagem de veículos automóveis, a câmara Municipal de Câmara de Lobos faz aprovar a 13 de Abril de 1939 uma postura que, ao obrigar os proprietários dos prédios protegidos com tais cunhais a os retirar sob pena de multa, aniquila completamente um tipo de protecção que durante, muitos e muitos anos marcou presença em muitos caminhos do concelho de Câmara de Lobos

³.

4. FESTAS DE AGOSTO NO ESTREITO

Denominação dada às festividades religiosas quer em honra de Nossa Senhora da Graça, quer em honra do Santíssimo Sacramento e que têm lugar no dia 15 de Agosto e domingo seguinte, na freguesia do Estreito de Câmara de Lobos.

Segundo o Eco do Funchal de 4 de Agosto de 1954 *são estas festas as maiores festas da freguesia preparadas com novenas que começam no dia 1 de Agosto. Estas festas marcam para o povo o principal ponto de referência do ano. Todos ricos e pobres para elas se preparam com roupas novas, sapatos, fatos, etc. de modo que as lojas cá da terra não têm outro mês que se lhe iguale em movimento e gaveta cheia.*

Com efeito, na freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, as festas de Agosto eram sempre tradicionalmente celebradas com grande alvoroço e desusada alegria que aproveita a ocasião para estrear fatos novos, calçado novo etc.

Em casa era costume matar-se uma cabra para a família. Nas semanas precedentes, alfaiates, costureira, sapateiros, todos não tinham mãos a medir. Todos preparam as festas e quando elas chegam, todos as celebram a seu modo, ouvindo e deliciando-se com os toques das músicas, com discantos, com danças, vinho, foguetes ^{4, 5}.

Em vésperas de mais umas festas de Agosto, o correspondente do Jornal da Madeira no Estreito de Câmara de Lobos, na edição de 15 de Agosto de 1925 ao referir-se a estas festas diz que *parece respirar-se já um ambiente de festa tanto dentro como fora da igreja.*

Pelos caminhos cruzam-se homens e mulheres curvados ao peso de alvacentos sacos cheios de grão, que caminham em direcção ao moinho, onde o afável moleiro aguarda

³ FREITAS, M. Pedro. Revista Girão.

⁴ Eco do Funchal, 28 de Agosto de 1955.

⁵ in Eco do Funchal, 22 de Agosto de 1955

a chegada do novo cereal e inquire a cada freguês qual o produto de suas colheitas, esperando nos seus bons desejos resposta para uma felicitação, enquanto a activa moleira varre apressada as prateleiras que hão-de suster o grão, porque na ribeira sob a vigilância duma sua filha a esperam as colchas que pretende tornar de neve para enfeite dos seus leitos nos próximos dias de festa. As raparigas alegres vêmo-las como subtis borboletas esvoaçando de casa à loja, desta à costureira onde será confeccionado o agarrido blusão que vão estrear nestes dias, por ventura oferta de sua mãe como prémio dos cuidados e desvelos dispensados a seus pequeninos irmãos. O jovem aldeão no assobiar as arraias do seu acanhado repertório se nota estar alegre, porque a vaca do casal cuja engorda tanto suor e sacrifício lhe custou, será levada ao matadouro e com o produto dela seu pai num rasgo de reconhecimento e generosidade fraternais vai pagar-lhe o novo fato e as insídias botas com que irá apresentar-se às festas. Está contente o pequeno campónio porque a cabrinha de há tanto é objecto de suas canseiras e das quotidianas recomendações do pai, quando ao alvorecer do dia saia para o amanhã das suas terras, será morta para constituir nesses dias, a principal iguaria no banquete de família. Anima-se o velho porque a sua prole dispersa dentro e fora da freguesia aproximar-se-á a beijar-lhe a rugosa mão e a suavizar-lhe com o seu carinho a sentida lágrima da sua fundente saudade. Finalmente tudo se anima, tudo se agita em relação à festa: até o forno, esse compartimento sombrio e triste das nossas moradas vai despojar-se do negro manto em que se envolve desde o natal e vestirá de gala cobrindo-se com o rubro manto que lhe dará o fogo sob cuja acção será cozido o nosso saboroso pão de rale e o almejado brindeiro da criancinha tantas vezes prometido no colo de sua mãe que sob um tiroteio de beijos lhe assegura que vai tê-lo em breve por ocasião da grande festa de Nossa Senhora.

5. FESTAS DE SETEMBRO NA QUINTA GRANDE

Segundo o correspondente de "O Jornal", num seu artigo publicado a 21 de Outubro de 1932 *As festas de Setembro eram aguardadas pelos crentes com tanto entusiasmo, como o Natal do Menino Jesus; dias antes ninguém falava senão nos preparativos materiais: uns querem estrear um fato, outros umas botas; umas um vestido, outras uma mantilha, o modesto lenço vai passando à história; os miúdos discutem sobre os foguetes que vão apanhar, a roda manhosa que vai vir, a "electricidade"... As donas de casa, essas preocupam-se com a lavagem das roupas, com o mandar moer o trigo, para amassadura e quase sempre a água falta para esta necessidade, pois não há freguesia que tão pouco tenha; apoquentam-se com melhoria das refeições; a rez que se há-de matar ou a carne que se deve comprar e o dinheiro é muito escasso porque o bordado está mal pago e os homens com pouco trabalho e nesses dias não se pode comer batatas.*

Os exploradores a disputar o lugar para as barracas forradas de louro, onde se há-de vender a carne e as bebidas; a busca de tocos secos, para as fogueiras das espetadas... Não sei se isto vai bem assim, porque há caturras, que entendem que uma correspondência, deve ser no estilo lamentação de germias.

Nos festeiros então é que são elas, há noite que nem dormem e só para pensarem na música, no fogo, nas varas, nas bandeiras, nas flores, donde há-de vir tudo isto? E

o pregador quem será? Ora deve ser o Sr. Vigário, é verdade que sempre a mesma cara, mas não se demora muito e assim gasta-se menos cera... E as festeiras, essas o seu encargo, é mostrar a loiça e preparar comida para os enfeitadores e os que vêm ajudar e que depois de comer e beber se raspam... São estes geralmente os prelúdios da festa no dizer de Trindade Coelho no seu livro de contos "Os Meus Amores".

6. AS VINDIMAS NO ESTREITO DE CÂMARA DE LOBOS

Começaram as vindimas. Aqui homens e mulheres, colhem as uvas que lançam em cestos de mão, ao mesmo tempo que outros as arrumam cuidadosamente nos cestos de barril.

Depois vão para o lagar afim de serem espremidas.

Aí o contentamento é maior. Os homens, agarrados à vara vão compassadamente, e a cantar, calcando as uvas, enquanto o mosto cai na tina, onde aguardará a medição do caseiro. Não tarda então que os borracheiros, a uma hora marcada, apareçam a buscar o mosto que vai para os armazéns sofrer o conveniente tratamento ⁶.

7. A CEIFA DO TRIGO NA QUINTA GRANDE

A época de trabalho mais intenso é a que vai de meado de Julho a meado de Agosto. Todos trabalham de manhã até pela noite adiante neste pobre lugarejo. Todos, homens e mulheres, velho e crianças, ninguém está ocioso. Nestes dias não há desempregados, ninguém pensa nas 8 horas de trabalho, privilégio das cidades e ainda bem, porque se os agricultores seguissem essas modernas utopias, perdiam-se grandes partes das suas colheitas. O relógio deles é o sol. Os seus vigorosos braços é que lhes valem, o maquinismo que tanto pão está roubando à humanidade, felizmente ainda cá não chegou, é tudo primitivo.

O trigo é arrancado à mão, espiga por espiga, como quem está pescando, para não misturar com outras ervas que no meio dele nascem. Depois é amarrado em paviás e posto a secar ao redor das eiras (sirvo-me dos termos que o povo usa). Depois um grupo de homens sentados nas eiras, assombradas geralmente por algum carvalho ou castanheiro, vão batendo com um malho no maço, isto é um pedaço de madeira rija com dois palmos de comprimento e dois de grossura, tendo uma terça parte mais delgada que serve de cabo, vão batendo com ele nas espigas, que estão seguras na outra mão, até sair o trigo e o mesmo fazem à cevada e ao pouco centeio. Quando o tempo está quente, tudo vai bem, mas quando está frio é maçar as espigas e paciência.

Feito isto, então uns 8 homens pegam nos manguais e vão batendo até esmagarem as praganas e fazer sair algum grão renitente no casulo para então quando correr vento separar o trigo por um processo muito pachorrento a que chamam erguer o trigo, que consiste em ir levantando tudo aquilo aos punhados para o vento levar os

⁶ in Diário da Madeira, 26 de Setembro de 1913.

casulos e ir caindo o trigo. Trabalho fatigante, que exige paciência beneditina, principalmente quando não está vento, reservado às mulheres, bem como servir às eiras, levando as paveias e trazendo a palha e por fim joeirar o trigo, para ser guardado em caixas, onde o gorgulho, às vezes faz grandes estragos.

Vejam lá quanto custa um pedaço de pão ao laborioso agricultor e isto sem falar no tamanho das terras e nos trabalhos das sementeiras, e ainda nas caminhadas para ir aos moinhos, visto que no estio, não há aqui água que os faça mover....⁷

8. O NATAL NO ESTREITO, EM 1934

Aromas da festa é o que por cá se respira numa profunda agitação. Pelos caminhos encontram-se os rechonchudos e alvacentos sacos que vão em cata do moinho onde a afável mas curiosa moleira sempre inquirindo da engorda dos suínos, para os quais tem esmagado tanto milho, varre apressada as prateleiras que não-de suster o grão, porque na ribeira, sob a vigilância de uma sua filha, a esperam as colchas que pretende tornar de neve, para enfeite dos leitos nos próximos dias de festa.

Alegre está a criança, porque sua mãe sob um tiroteio de beijos lhe fala da lapinha, dos brinquedos que lhe trará o Menino Jesus, lhe diz, que o forno, esse sombrio compartimento vai despojar as suas negruras para vestir de gala o manto escarlata que lhe dará o fogo como disposição para cozer os bolos e os almejados "brindeiros".

Junto ao casebre, esfrançando e engaiolando a lenha que coserá a consoada na augusta noite de Natal, cantarola o pequeno, exprimindo o seu contentamento pela promessa de uma gaita, com que irá recrear-se e deliciar o ouvido dos seus companheiros. Radiante está a jovem porque em pequeno estojo guarda o fascinante cordão que com o garrido vestido que já confecciona a costureira vai estriar, tudo oferta de sua mãe como prémio pelos desvelos e carinhos dispensados a seus pequeninos irmãos.

No assobiar, as repetidas árias do seu curto repertório, se nota estar alegre o rapaz, porque a vaca do casal, cuja engorda tanto suor e cuidados lhe há custado, será levada ao matadouro, e com o produto dela, vai seu pai, presenteá-lo com um novo fato, e as luzidas botas com que irá apresentar-se às festas.

Atarefadíssima, mas satisfeita, se encontra a dona de casa com arrumo e preocupações higiénicas desta assim como na preparação dos doces, porque reunirá em ameno convívio para esses dias os afilhados e comadres, vindo estas a apreciar da boa ordem da casa e habilidade para a culinária.

Finalmente animado está o velho porque a sua prole dispersa, adentro e fora da freguesia, virá beijar-lhe reverente a rugosa mão e com o seu carinho suavizar-lhe os sempre tristes dias desta última quadra.

Em suma, todos se enchem desses santos e justos entusiasmos que nos trás a bemdita religião de Jesus, e que ao ímpio não é dado desfrutar. É o que nota aquele que usou fazer de correspondente⁸.

⁷ In Notícias da Madeira, O Jornal, 10 de Agosto de 1932

⁸ Estreito de Câmara de Lobos, 16 de Dezembro de 1934. "O Jornal" 25 de Dezembro de 1934

9. OS FUNERAIS NO ESTREITO, EM 1929

Os rituais que envolvem os cuidados com os defuntos, variam de civilização para civilização, de acordo com a respectiva cultura e em cada uma delas também com o evoluir dos tempos.

Em 1929, O Diário da Madeira, num artigo do seu correspondente na freguesia do Estreito depois de destacar o grande número de crianças que na altura estavam a morrer salientava que *é hábito desta gente reunirem pessoas conhecidas, em festa, por ocasião do decesso, pela noite adiante, que geralmente se faziam acompanhar de crianças sadias, para assim festejarem o acesso ao céu*⁹.

Relativamente aos funerais de crianças falecidas, o Diário da Madeira de 5 de Setembro de 1929 diz-nos que *é prática tradicionalmente seguida e generalizada a todas as freguesias da Madeira, os féretros de crianças mortas serem levadas às mãos por outros menores, muitas vezes em longas caminhadas e sem que as singelas urnas que guardam os cadáveres sejam devidamente cerradas senão após a chegada ao cemitério, aonde é pregada definitivamente a tampa do caixão*.

10. AS MISSAS DO PARTO NO ESTREITO

As Missas do Parto são novenas a Nossa Senhora mandadas celebrar no período que antecede o natal.

Na freguesia do Estreito começavam pelo sítio da Igreja, seguindo-se-lhe a Quinta de Santo António, às quais outras se seguiam dos diferentes sítios. Todos se empenham por louvar a Rainha do Céu e Mãe nossa o mais dignamente possível. Entre alguns sítios há mesmo rivalidade na apresentação do asseio da igreja, festa religiosa, fogo e música.

Data de algumas dezenas de anos a rivalidade existente entre os dois primeiros sítios destas novenas e continua sempre.

Muitas novenas são autênticas festas, com missa cantada a três sacerdotes, sermão e coro com orquestra. De véspera a torre, a igreja e o adro são iluminados de luz eléctrica pelo espaço de algumas horas. O templo festivamente ornamentado e profusamente iluminado convida à oração. E não falta quem pelas três e meia ou quatro horas deixe a sua cama e o sono da manhã, para ir à igreja louvar a virgem Imaculada, no seu parto. O templo de Nossa Senhora da Graça apresenta-se quase sempre repleto de fieis que fervorosamente rezam e pedem à virgem a Salvação de suas almas e a paz para o mundo.

Missas do Parto! Assistir a elas nestas manhãs que precedem o natal de Jesus tem encanto, tem beleza¹⁰.

11. A QUADRILHA DOS CEROUHAS BRANCAS

No início dos anos trinta, a freguesia do Estreito não só constituiu motivo de notícia e de especulação nos meios de informação regionais, como, foi tema obrigatório de conversas entre a população madeirense. No alvo das atenções esteve uma quadrilha denominada da Ceroula Branca, responsabilizada por uma onda de criminalidade e

⁹ Diário da Madeira de 6 de Julho de 1929.

¹⁰ Eco do Funchal, 25 de Dezembro de 1954.

violência que não só colocou em pânico a população local, como se reflectiu negativamente na imagem exterior da freguesia do Estreito, criando medo entre aqueles que não residindo nela, por qualquer razão a pretendiam visitar.

Contando com cerca de 28 indivíduos, na sua maioria com idades compreendidas entre os 20 e os 30 anos, os Ceroulas Brancas actuavam pela calada da noite e não dando oportunidade a que se deixassem reconhecer ou a que fosse revelada, publicamente, a sua identidade. Desta forma, a população, pela manhã era confrontada com as consequências dos seus actos, situação que era comentada "a boca pequena", não fosse estarem em presença de algum dos seus membros e um comentário menos oportuno pudesse desencadear uma atitude de retaliação. Por outro lado, perante o desconhecimento da identidade dos seus autores, estas acções eram envolvidas por um ambiente de grande mistério, o que levava não só a especulações sobre a identidade dos seus responsáveis, como ainda a se atribuir todo o tipo de agressões ou roubos a esta quadrilha, que assim, via enriquecer vertiginosamente o seu palmarés e a sua fama.

Desta forma, foi-se criando à volta desta quadrilha um crescente mito de mistério e terror que ultrapassou as barreiras geográficas da freguesia e fazia, não só com que as suas vítimas, no caso de reconhecerem alguns dos seus agressores, não revelassem a sua identidade, como com que a generalidade das pessoas não se atrevesse a andar na rua a partir do anoitecer, com medo de ser surpreendidos numa das suas acções nocturnas e em que apenas ao padre, ao médico, à parteira e quem, em caso de necessidade, os fosse chamar, tinha privilégio de livre trânsito.

É aliás através deste mistério em que os Ceroulas Brancas estavam envolvidos que se explica uma certa dualidade de opiniões sobre as motivações e dimensão das suas actividades e que envolviam danificações de terrenos cultivados, arvores de frutos, canteiros e vasos de flores e jardins, apedrejamento de residências e algumas perseguições de pessoas e agressões.

Enquanto que para uns, eles eram indivíduos perigosos e capazes das maiores atrocidades, devido aos actos de agressão e assalto que cometiam aos transeuntes, para outros, eles não passavam de indivíduos que juntos e eufóricos com bebida se lembravam de, uma vez por outra, sobretudo quando a alcoolémia era maior, de pregar a sua partida a qualquer pessoa que passasse de noite pelos locais onde estivessem reunidos. São aliás também estas as opiniões que o jornalista do Diário da Madeira encontra, quando após a prisão, em 1932, dos seus elementos vem ao Estreito para colher informações sobre esta quadrilha e que o leva a afirmar não poder chegar a conclusões positivas, visto não encontrar consenso relativamente à natureza e fins dos Ceroulas Brancas. No entanto, independentemente das duas facetas que na realidade pareciam apresentar, a verdade é que os resultados ou consequências práticas da actuação dos Ceroulas Brancas mostra claramente um predomínio da vertente criminosa, ainda que haja a ressaltar o facto de nem todas as façanhas a eles atribuídas terem sido por si protagonizadas.

Se as motivações que levaram à constituição e à actuação desta quadrilha eram as de diversão, o que poderá ser plausível carência de meios de lazer, ambiente propício à eclosão deste tipo aberrante de passar o tempo criado pelo convívio na venda, num clima onde o jogo e o alcoolismo se misturavam o certo é que alguns dos seus membros se revelariam em acções isoladas indivíduos agressivos, situação que

certamente condicionaria o eclodir de alguns exageros na sua acção enquanto grupo. Relativamente à origem da quadrilha dos Ceroulas Brancas os dados disponíveis não são suficientemente claros. No entanto, parece que o rompimento do noivado, por parte da noiva de um dos elementos que viria posteriormente dar corpo juntamente com outros à quadrilha, terá desencadeado, por parte deste, uma espécie de acção de retaliação, para o que juntamente com alguns amigos, protegidos pelas trevas da noite, foram até à casa da ex-noiva e aí fizeram uma arruaça. Contudo, pelo caminho terão tirado, por razões que se desconhece, ou então para não serem conhecidos, as calças tendo ficado em ceroulas. Daí a denominação dada à quadrilha, que depois se viria a formar, por junção de outros indivíduos e cuja origem se inspiraria nesta primitiva acção, para pregar partidas ou amedrontar as pessoas

Ainda que a freguesia do Estreito ficasse com a fama, outras localidades também tiveram grupos similares, nomeadamente Machico. Quem se der ao trabalho de ler a rubrica "Há 50 anos" publicada no Jornal da Madeira de 13 de Janeiro de 1998, verificará que no Caramachão havia sido descoberto um grupo de cerca de 30 indivíduos que atacavam e batiam de noite nos transeuntes e que pela descrição e actividades, não deixa de se assemelhar aos Ceroulas Brancas¹¹.

12. A ORIGEM DA DENOMINAÇÃO DE "FONTE FRADE"

Fonte Frade é um dos sítios que constituem a freguesia do Jardim da Serra.

Ainda que nada haja escrito sobre a origem da sua denominação, nem se saiba, ao certo, o momento a partir do qual, passou a ser assim conhecido, a tradição popular, nos dias actuais, tantas vezes relegada para o esquecimento, dá-nos neste caso, importantes informações.

Com efeito, analisando o significado das palavras que compõem a denominação deste sítio, facilmente se chegará à conclusão que a sua origem estará relacionada com uma fonte e com um frade e, na realidade é o que nos conta a tradição, que transmitida oralmente ao longo dos tempos, de geração em geração, chegou até aos nossos dias.

Diz o povo que, tendo um dia, não se sabe quando, um dos frades do convento de São Bernardino, em Câmara de Lobos, se apaixonado por uma donzela, ter-lhe-á feito um filho.

Quando o seu pecado foi descoberto, foi expulso do convento e refugiou-se com a sua amada, nas serras do Estreito de Câmara de Lobos, num lugar isolado e longe do povoado, mas hoje perfeitamente identificado e situado nas proximidades do lugar conhecido por Cruz.

Constituindo a água um bem indispensável à sobrevivência do homem, o frade haveria de construir o seu refúgio junto a uma nascente, que com o evoluir dos tempos e com a necessidade de melhor individualização relativamente a outras, passou a ser conhecida como a fonte do Frade, denominação que mais tarde viria também a designar uma área mais ou menos extensa e circundante dessa nascente.

¹¹ Manuel Pedro Freitas. DEPOIS DE 70 ANOS DE ESPERA POSTO DE POLÍCIA NO ESTREITO É INAUGURADO AMANHÃ . Jornal da Madeira, 18 de Janeiro de 1998.

E na realidade, apesar de hoje o sítio ser conhecido por FONTE FRADE, encontramos tanto no século passado como nos primeiros quartéis deste, referências ao sítio da FONTE DO FRADE.

Um outro aspecto curioso é que ainda hoje existem várias famílias, não só no sítio da Fonte Frade, como no Luzirão e Cova dos Alhos, que são conhecidas pelos FRADES, apesar desse epíteto não constar dos seus nomes.

Este facto vem assim confirmar aquilo que o povo, através da transmissão oral, fez chegar até aos nossos dias, ou seja que na realidade, nesta localidade ter-se-á fixado um frade com o produto do seu pecado, frade esse que deixou não só o seu nome ligado à toponímia local, mas também geração¹².

13. PÊRO DOMINGOS

Quem tem por hábito adquirir, para seu consumo, fruta regional, sabe que existe uma espécie de pêro chamada de "pêro domingo" ou mais correctamente por "pêros Domingos".

É um pêro caracterizado pelo seu forte aroma, pela sua grande suculência e longa durabilidade depois de colhido.

Ainda que seja produzido por toda a ilha, a freguesia do Jardim da Serra talvez constitui o seu principal habitat, estando também na origem da denominação porque é conhecido e que não tem nada a ver com o dia em que, depois de criar o mundo, Deus o escolheu para descansar.

Há cerca de 80 anos atrás, numa altura em que, pouco tempo tinha passado, desde que haviam caído as flores dos pereiros e estes começavam a mostrar os primeiros frutos, dois comerciantes de fruta, naturais do Jardim da Serra, fechavam contrato relativamente à aquisição um pomar de pêros, lá para os lados da serra do Campanário.

Das clausulas do contrato verbal estabelecido entre vendedor e comprador, para além do montante apalavrado, constava o direito dos compradores colherem todos os pêros do pomar, com excepção dos produzidos por um ou dois pereiros, que o vendedor havia reservado para consumo próprio e, naturalmente, também para oferecer, com era seu hábito, um safatinho de pêros a uns compadres e conhecidos que tinha lá para os lados da cidade e também ao sr. Vigário.

Na altura em que os pêros começaram a amadurecer, os compradores lá os foram colher, fazendo-o não de uma vez, mas consoante os iam vendendo, a fim de evitar que se estragassem. Afinal de contas, não dispendo de quaisquer meios para a sua conservação, era sempre melhor os manter na árvore, enquanto tal fosse possível.

Quando já quase todos os pereiros se encontravam despojados dos seus frutos, acabam por serem seduzidos pela aparência dos pêros, que o dono do pomar havia reservado para si e que ainda permaneciam nas respectivas árvores.

Na realidade, estes pêros nada tinham a ver com os que haviam adquirido e, depois de meterem o dente num deles, não resistiram à tentação de encherem um pequeno cesto de mão, daqueles que utilizavam para colher os pêros na altura em que se encontravam em cima das árvores.

¹² Conteúdo de Crónica transmitida na TSF a 24 de Janeiro de 1999.

Na realidade estes pêros apresentavam um bom aspecto, exalavam um odor forte e agradável e tinham um sabor majestoso.

Chegados à loja onde habitualmente armazenavam a fruta enquanto não a transportavam para venda no mercado, e depois de saborearem alguns, foram os restantes colocados à parte e ali permaneceram esquecidos várias semanas, sem que, contrariamente aos outros, apodrecessem.

Seduzido pelas características destes pêros e sobretudo pela sua longa durabilidade, depois de colhidos, sem que para isso fossem necessárias grandes medidas de conservação, um dos comerciantes, chamado de Domingos dos Ramos, numa passagem pela propriedade onde os tinha colhido, apanhou um galho da respectiva árvore e utilizou-o para enxertar alguns dos pereiros que possuía junto à sua residência, no sítio do Luzirão, na freguesia do Jardim da Serra.

Tendo as enxertias resultado, logo as características superiores destes pêros, em comparação com outros, se divulgaram junto da população que os passou a referenciar como sendo os pêros dos pereiros do sr. Domingos ou simplesmente pêros do Sr. Domingos e a fazer questão de também efectuar enxertias deste tipo de pêro nas suas propriedades.

Sendo desconhecida da população a sua denominação científica o sr. Domingos passou a constituir a única referência relativamente a esta espécie de pêro, o que fazia com que, para os individualizar de outros, se utilizasse a expressão de pereiros ou pêros do Sr. Domingos, que rapidamente evoluiu para pêros domingos.

Na realidade, numa altura em que os meios de conservação de fruta não existiam, nem a sua importação se verificava, a durabilidade dos pêros depois de colhidos era uma característica a ter em conta por quem os comercializava e o pêro domingos apresentava uma particularidade única, uma vez podia ser conservado até finais de Maio princípios de Junho, facto que levava o povo a dizer que os últimos pêros domingos correspondiam às primeiras cerejas.

A comprovar tal característica, não raras vezes, sendo habito fazerem-se ofertas de cerejas às pessoas com elos de ligação mais apertada, ao surgirem as primeiras cerejas, se reunissem no mesmo cesto de oferta cerejas e pêros domingos¹³.

14. ORIGEM DA DENOMINAÇÃO DE "FURNEIRA"

Primitivamente pertencente à freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, com a com a criação, em 1996, da freguesia do Jardim da Serra, a Furneira acabaria por ficar repartido por estas duas freguesias.

A sua denominação tem a ver com a existência de várias furnas na localidade, algumas das quais, segundo a tradição, teriam servido de habitação a mouros, que para ali se vieram fixar, sendo outras utilizadas para a recolha de animais, apresentando as destinadas a habitação características diferentes das destinadas a animais.

Relativamente aos mouros, apesar de não existirem documentos que comprovem a sua presença na localidade, a verdade é que as pessoas mais idosos, com base em

¹³ Conteúdo de crónica transmitida pela rádio DN-TSF, a 7 de Fevereiro de 1999.

informações que lhe foram transmitidas oralmente por seus pais e avós, que por sua vez, as haviam recebido da mesma forma, afirmam peremptoriamente, a sua presença chegando até ao pormenor de identificar alguns dos habitantes deste e de sítios limítrofes, como seus descendentes.

Para além de, nalguns casos, apresentarem alguns discretos traços fisionómicos similares aos habitantes do Norte de África, a estas famílias encontram-se associadas comportamentos reveladores de alguma agressividade e que, são suficientes para que a generalidade da população, que os conhece, mantenha alguns cuidados no seu relacionamento com eles e, só à boca pequena, se atrevam a tecer comentários sobre as suas origens.

Ainda que não se saiba ao certo a origem da comunidade tida como moura e acreditando-se como certa, desde tempos remotos, a sua presença, nesta localidade, é possível admitir que ela se tivesse constituído a partir de escravos que foragidos do povoado, ali se refugiaram.

A presença, junto das furnas, de infra-estruturas destinadas à conservação de alguns produtos utilizados na sua alimentação é outra das provas de que estas terão em tempos sido utilizadas como habitação.

Aliás, a presença de mouros nesta região é ainda atestada pela toponímia, que chamou de banda de Moura a um lugar, próximo da Furneira, no sítio do Pomar Novo e onde, uma lenda diz ali existir uma mina de ouro e estar acorrentada e encantada uma moura, cujo desencanto constitui a chave para a acessibilidade ao tesouro.

Este lugar é referenciado pela existência de uma um talude de cor amarelo ouro, donde brota água proveniente de uma nascente aí localizada.

Segundo a lenda, para desencantar a moura e ter acesso ao tesouro, que ela guarda, é necessário cumprir escrupulosamente um ritual que consiste em lá ir um dia à meia-noite, provido de um gato ou galinha preta, de uma garrafa de aguardente, ler uma determinada passagem do livro de São Cipriano e cavar 7 palmos ou 7 passos distante da nascente, em direcção a poente.

Contudo, apesar de já várias tentativas terem sido efectuadas, para desencantar a moura, tal ainda hoje não aconteceu, talvez porque o tesouro e a moura encantada não passem mesmo de uma lenda, ou porque o ritual não foi escrupulosamente cumprido¹⁴.

15. **PROFESSIONS DE BANDARRA**

Gonçalo Anes Bandarra era um sapateiro e poeta popular, nascido em vila de Trancoso pelos anos de 1500, celeberrimo pelas suas trovas proféticas que de século para século voltavam à discussão sempre que as desgraças públicas faziam surgir nas almas, a ideia messiânica de um salvador.

Como acontecia um pouco por toda a parte, Câmara de Lobos não ficou imune a essas profecias e, em finais do século passado, um grupo de habitantes do Estreito e do Curral das Freiras, chegam mesmo a ir à procura de um tesouro, que segundo ditavam tais profecias, havia sido abandonado, pelas Freiras do Convento de Santa

¹⁴ Crónica transmitida na rádio DN-TSF em 31 de Janeiro de 1999.

Clara, no Curral das Freiras.

Com efeito, por volta de 1892, três habitantes do Estreito de Câmara de Lobos e os restantes do Curral das Freiras pretenderam descobrir, nesta última freguesia, um riquíssimo tesouro que a todos faria felizes.

Os bandarristas haviam “lido” nas profecias de Bandarra que perto da Ribeira dos Socorridos, em frente da Boca dos Namorados, havia sido enterrado um cofre com fabulosos valores.

Pensaram, tornaram a pensar, e por fim bateram as palmas de contentes e decidiram a pesquisa.

As religiosas de Santa Clara, que em tempos remotos, possuíam muitas riquezas, pois eram descendentes de nobres e abastadas famílias, haviam fugido para o Curral das Freiras de que eram proprietárias, quando o Funchal foi, em 1566, invadido por Corsários.

Fugiram, levando consigo, jóias e dinheiro, e ficaram algum tempo nesta freguesia, onde mandaram construir um Santuário dedicado a Santo António, no sítio da Capela.

O Santuário, hoje desaparecido, ficava em frente da Boca dos Namorados e a pouca distância da Ribeira dos Socorridos.

Os bandarristas do Estreito concluíram: as freiras, regressando ao convento de Santa Clara, temeram nova invasão e deixaram as suas jóias e dinheiro escondidas no Curral e, com certeza, na capela de S. António.

Contudo, era indispensável interessar na empresa entidades do Curral das Freiras, porque, de outro modo, a exploração poderia redundar num fracasso.

Também não foi difícil conseguir o apoio e colaboração do regedor daquele tempo, pessoa preponderante e respeitada. Apesar de inteligente e nada supersticioso, deixou-se ir na cantiga.

Houve reuniões preparatórias, determinou-se o grande dia e entretanto, os interessados do Curral das Freiras faziam de polícias nocturnos, não acontecesse que outros espertos se adiantassem.

No dia aprazado, a altas horas da noite chegaram os do Estreito. O plano havia sido maduramente estudado e em todos havia grande nervosismo na expectativa da sorte grande.

Uma das precauções consistia em irem munidos de moedas de cruz, em prata, que seriam atiradas para junto do suposto cofre a fim de que se não convertessem em pó as riquezas entesouradas.

Era uma noite de Abril; a lua cheia não deixava um cantinho escuro; havia em todos um misto de alegria e pavor.

O regedor, o elemento mais importante, adoecera à última hora. A doença foi providencial, apercebera-se do ridículo do empreendimento e da situação de desprestígio em que ficaria perante o seu esperado insucesso.

Passava uma hora depois da meia noite quando o grupo chegou às ruínas da capela de Santo António.

O momento era solene.

Ninguém ousava falar; a própria respiração era abafada. A lua desenhava aqui e além, figuras fantásticas; todos apalpavam os bolsos para se certificarem de que tinham as moedas de cruz.

Começaram as escavações no interior das ruínas da capela. Os badarristas do Estreito, munidos de pás e de enxadas, cavavam como leões.

De repente, um dos cabouqueiros descobriu um vácuo.

Trémulo de comoção e pavor, fez sinal aos outros que se aproximaram e, apressadamente atiraram para dentro do buraco as moedas de cruz.

Mais audacioso, um dos bandarristas do Estreito de Câmara de Lobos, estendeu-se, como cão de caça, pela cova dentro e agarrou, nervoso, alguma coisa que corajosamente puxou para fora, dizendo baixinho, em tom misterioso: Cá está.

Que macabro tesouro!

Ao clarão da lua apareceram um crânio, fémures, tíbias e outras ossadas, restos mortais de seres humanos, que as profecias do Bandarra conseguiram arrancar ao sepulcral repouso e que, mais tarde, foram para ao cemitério.

No dia seguinte, naquela localidade, não se falava de outro assunto.

Milagre, diziam uns! Santo António quer que lhe restauremos a capela, exclamavam outros!

Entretanto os bandarristas do Estreito recolhiam a casa, maldizendo o seu profeta e os colaboradores do Curral quedavam silenciosos, espantados por haverem caído no embuste.

16. A LEVADA DA VELHA

Segundo a tradição, a Levada da Velha foi construída para captação de água no Curral das Freiras e seu transporte até ao Estreito, Quinta Grande e Campanário, permanece ainda hoje envolvida num grande mistério, onde o real se confunde com o lendário. Efectivamente se não subsistem dúvidas sobre a existência de segmentos do traçado dessa levada cavada nos rochedos do Curral, já todo o processo que envolveu a sua construção é pouco claro e difícil de explicar, situação que muito provavelmente fez eclodir a imaginação popular, atribuindo a sua construção a uma velha rica.

Quem se deslocar de automóvel à freguesia do Curral das Freiras e, a partir do lugar da Estrela começar a olhar com alguma atenção para os rochedos que constituem o limite oeste do Curral das Freiras e que o separam da freguesia do Estreito e do Jardim da Serra, verificará que em determinadas zonas existem vestígios de um e às vezes de dois traços horizontais e paralelos cavados na rocha. Melhor apreciados desde a Eira do Serrado ou a partir do troço de estrada entre os dois túneis de acesso ao Curral das Freiras, estes sulcos correspondem a uma antiga levada, denominada de Levada da Velha, por ter sido, segundo a tradição, mandada construir por uma velha rica para irrigar as suas propriedades nas freguesias da Quinta Grande e do Campanário.

Ainda que, a este propósito, a informação escrita seja muito escassa, encontramos quer em 1933¹⁵,¹⁶, quer em 1952¹⁷, no Jornal da Madeira, dois textos aparentemente do mesmo autor, que não só descrevem com algum pormenor aquilo que a tradição

¹⁵ O Jornal, 6 de Setembro de 1933.

¹⁶ O Jornal, 11 de Agosto de 1933.

¹⁷ Jornal da Maneira, 27 de Julho de 1954.

oral fez chegar até aos nossos dias, como adiantam algumas explicações relativamente ao construtor e época em que foi construída e, que apesar de especulativas, não deixam de parecerem convincentes.

Segundo o Jornal da Madeira de 27 de Julho de 1952, os mais antigos aquedutos, hoje abandonados por várias circunstâncias, passaram a ser denominados genericamente por levadas velhas, ou no singular, levada velha. Esta denominação facilmente se converteu em Levada da Velha.

A mais antiga e mais célebre refere-se a um aqueduto que conduziria água de rega desde os flancos do Pico Ruivo e Torres em direcção à Boca dos Namorados, atravessando despenhadeiros e rochas alcantiladas, num percurso de mais de 20 quilómetros.

Nenhum documento escrito demonstra a existência deste aqueduto, mas é certo que existiram dois, em vez de um, no sítio já indicado, como se prova à evidência, pelos vestígios de duas linhas paralelas, obliteradas onde o terreno era movediço, mas cortadas a picareta em rochas vivas ou moles, como se pode verificar encontram-se pedaços de caixa de levada, cavada na rocha, que os séculos ainda não destruíram.

Aqueles aquedutos foram construídos em remontíssima época, provavelmente no último quartel do século XV e um deles deveria ser destinado à irrigação de terrenos do Estreito, Quinta Grande e Campanário. Ainda existem nessas paróquias alguns vestígios e tradições da obra formidável, de incalculáveis vantagens agrícolas e económicas.

O destino das águas, referenciado na tradição oral como sendo Quinta Grande e Campanário, associado à falta de informação, a propósito da data da sua construção, permite-nos não só admitir que ela tenha acontecido em tempos muito remotos, como ainda admitir que a sua construção possa ser atribuída a Rui Teixeira. Para além de possuir propriedades no Campanário, onde residia, Rui Teixeira era também proprietário do Curral, terrenos que haviam sido doados, a 22 ou 28 de Agosto de 1474¹⁸ a sua mulher Branca Ferreira, por João Ferreira, que por sua vez os havia recebido, por sesmaria, do primeiro capitão donatário, João Gonçalves Zarco. Só assim se compreende a relação entre o Curral das Freiras e o Campanário e a acessibilidade, por parte do proprietário do Campanário, às águas nascidas no Curral das Freiras.

Ainda que a tradição refira que a levada foi mandada construir por uma velha rica e que o Padre Eduardo Clemente Nunes Pereira, nas Ilhas de Zarco chega a referir como sendo de origem castelhana ou moura, o autor do texto publicado no Jornal da Madeira, que vimos citando, rejeita naturalmente esta hipótese. Ao se interrogar sobre quem havia mandado construir a Levada da Velha, coloca também de fora a hipótese de ter sido o Estado, uma vez que se o tivesse sido, seria de admitir a existência de documentação escrita, o mesmo acontecendo com a hipótese de se ter tratado de um empreendimento de natureza popular. Era pouco viável que o povo fosse capaz de se unir para um empreendimento tão dispendioso, difícil e demorado na execução.

¹⁸ Atenção, precisar melhor este dado.

Sendo assim, só havia uma hipótese que adianta tanto no texto de 1933 como no de 1952: O Curral das Freiras pertenceu, até ao último quartel do século XV a Rui Teixeira, casado com D. Branca Ferreira, residente no Campanário.

Nesse tempo, os donatários, além de riqueza em propriedades e dinheiro, tinham ao seu serviço centenas de escravos que obedeciam cegamente aos seus senhores.

Rui Teixeira, homem de vistas largas, corajoso e empreendedor, concebeu o arrojado pensamento, seguido de execução, de valorizar os seus domínios no actual concelho de Câmara de Lobos pela irrigação, conduzindo até lá, em aqueduto as águas que nasciam nas fraldas do Pico Ruivo e montes anexos.

Encontrado o construtor, o articulista do Jornal da Madeira interroga-se sobre os motivos da existência de dois aquedutos, desde as rochas da Boca dos Namorados até à região das nascentes.

E a explicação dada também não deixa de ser convincente. Apesar de possuir meios humanos e financeiros faltariam a Rui Teixeira meios técnicos, ou seja um Amaro da Costa¹⁹, que como todos sabem foi o autor do projecto da levada do Norte. Ora, esta falha viria a condicionar alguns erros de cálculo na sua construção.

Rui Teixeira terá começado por construir uma levada a partir das rochas da Boca dos Namorados, mas quando chegou à zona das nascentes, esta saíria acima delas, facto que impedia a captação das suas águas. Contudo, não desanimou e deu início a outra levada, partindo desta vez, das nascentes e trazendo a água a servir de nível.

Explicada satisfatoriamente a existência de dois aquedutos paralelos que ainda hoje se reconhecem facilmente, nalgumas zonas, faltava agora explicar o abandono a que ficou votada e que, ao que parece, nunca terá chegado a transportar água.

Da mesma forma que se procurou na relação entre as propriedades do Campanário e Curral das Freiras, uma justificação para o início do empreendimento, também se aponta o fim dessa relação para o seu abandono. Com efeito, por escritura de 11 de Setembro de 1480, Rui Teixeira vendeu os terrenos que possuía no Curral das Freiras ao 2º Capitão Donatário do Funchal, João Gonçalves da Câmara que, possuindo outros interesses não terá dado continuidade ao projecto inicial.

Ainda que não havendo certezas relativamente ao facto da água ter chegado, ou não, a sair do Curral das Freiras, a tradição diz que chegou mesmo à freguesia do Estreito e até ao Campanário, mas que a velha muito rica, a quem a lenda atribui a autoria do empreendimento, depois de ver chegar a água, em vez de agradecer a Deus a graça alcançada pôs-se a lamentar o dinheiro gasto nos seguintes termos:

Levada, minha levada.

Levada que aqui me tens.

Gastei uma pipa de patacas.

E um quarto de vinténs.

A partir desse momento, como castigo, a levada começou a rebentar ora numa parte, ora noutra, não sendo mais possível pôr a água a correr.

Uma outra versão da lenda da levada da velha refere que a velha terá também morrido, por castigo de Deus, por não ter agradecido a Nosso Senhor, com humildade

¹⁹ Elaborar uma pequena biografia de Amara da Costa. Para isso ver revista *Islenha*.

e acção de graças, o auxílio dispensado à obra, que parecia impossível de realizar-se, e que os seus herdeiros aterrorizados por aquele divino castigo, ou desinteressados do alto valor da obra, abandonaram-na até perderem o direito às referidas águas, que passaram para a Levada do Castelejo ou de Santo Amaro, construída muito tempo depois.

A propósito da levada da velha, o Heraldo da Madeira, em 1909²⁰ dá outro desfecho à velha, ao referir que a velha teria falecido de desgosto ao ver que depois de ter gasto tanto dinheiro, o empreendimento não havia resultado, em virtude do defeito de desnivelamento verificado na sua construção.

No dizer, do autor do artigo publicado em 1933 no Jornal da Madeira, a propósito da levada da velha, se estas levadas tivessem funcionado, não haveria quase que cultura nem no Curral das Freiras, nem em São Martinho, nem em Câmara de Lobos porque as levadas dos Piornais, do Castelejo e da Torre²¹ não teriam metade da água.

Reforçando ainda mais o seu pensamento refere que se a levada da velha, como o povo lhe chama não tivesse sido abandonada, a balança da fortuna ter-se-ia inclinado completamente para as freguesias do Estreito, Quinta Grande, Campanário e Ribeira Brava e o Curral das Freiras, São Martinho e São Pedro beneficiadas pelas águas do Castelejo e Piornais seriam hoje [1933] terrenos árdus como a maior parte do Caniço e São Gonçalo.

Construída pela tal velha rica, por Rui Teixeira ou por outra entidade, um facto incontestável é que, passados tantos e tantos anos, lá está a marca da levada, levada essa que continuará, muito provavelmente, sem que se saiba a sua verdadeira história e, por isso mesmo, a ser tema de lenda e alvo de inspiração para a veia poética popular, como demonstram os versos recolhidos pelo Grupo Folclórico do Curral das Freiras e que servem até de tema do seu repertório:

Era uma senhora rica
E já de maior idade
Tinha uma grande fazenda
Não tinha água para rega.

Estava sempre a pensar
Aquilo que ia fazer
Vou arranjar a levada
Para ter muito comer.

Os homens eu já tenho
Vamos todos trabalhar
Quando a água chegar
A fazenda vou regar.

Levada minha levada

²⁰ Heraldo da Madeira, 16 de Maio de 1909.

²¹ Provavelmente Levada Nova de Câmara de Lobos

Levada que aqui me tens
Gastei uma pipa de patacas
E um quarto de vinténs.

Com a água da fazenda
Já estava a regar
Não dei as graças a Deus
Começou a rebentar.

A levada rebentou
Ficou o vizinho gloriado
Que tinha gasto o dinheiro
E não me tinha lucrado.

17. A BOCA DOS NAMORADOS

Ainda que hoje completamente relegada ao abandono, a Boca dos Namorados, donde se tem uma soberba vista sobre o Curral das Freiras, constitui juntamente com a Boca da Corrida, a Quinta do Jardim da Serra, o Pico da Torre e o Cabo Girão uma das mais importantes referências turísticas do concelho de Câmara de Lobos.

Até há relativamente poucos anos havia neste local um aspecto curioso, uma tradição que vinha desde o século passado e que hoje se perdeu, mas que outrora era da maior importância e que, se fosse, na sua essência reactivada e adaptada à realidade actual, poderia ajudar a promover a localidade e obrigar a que outros projectos mais ambiciosos fossem implementados.

Com efeito, situando-se a Boca dos Namorados no caminho pedestre de acesso entre a, na altura, freguesia do Estreito e o Curral das Freiras, o único que ainda hoje faz comunicar a sede do concelho com esta freguesia, sem necessidade de passar pelo Funchal é natural que constituísse um ponto de paragem quase que obrigatória. Este facto associado ao grande número de romeiros que afluíam ao Curral, para assistirem à Festa de Nossa Senhora do Livramento fazia com que, na segunda-feira, após a festa, por ocasião do seu regresso, ali se propiciasse a criação de um espaço de comércio e diversão, onde não faltavam os despiques, o vinho e a carne para espetada, não só destinado aos romeiros provenientes do Curral das Freiras e de regresso a suas casas, como para outras pessoas que propositadamente aí se deslocavam para os ver chegar.

A conciliação dos aspectos turísticos com o lazer, é como se vê, uma velha receita suficientemente aprovada e comprovada para esta localidade.

No entanto, ainda hoje há quem não veja que a Boca dos Namorados, é a única oportunidade que resta de se criar no concelho de Câmara de Lobos, um espaço de atracção turística e de lazer que pode constituir um factor de grande desenvolvimento económico quer para o próprio concelho, quer principalmente para as freguesias do Jardim da Serra e do Estreito, numa altura em que as vias rápidas, vieram criar outras alternativas, outros pólos de atracção.

Como acontece com muitas das denominações utilizadas para referenciar lugares, nem sempre se sabe a sua origem e a da Boca dos Namorados não é excepção.

Na realidade, ainda que se admita que o nome tenha a ver com namoro ou acto de namorar, a verdade é que não lembra ao diabo que este lugar tão distante do povoado e sem acessos fáceis, tenha alguma vez servido de refúgio de amor!

Não esqueçamos que a denominação de Boca dos Namorados vem pelo menos do século passado, altura em não faltavam recantos isolados, mais próximos das populações e sem necessidade de partir os candeeiros de iluminação pública para tornar mais escuro certos ambientes.

Sem uma explicação minimamente credível para o epíteto de Boca dos Namorados, não nos resta outra alternativa do que acreditar piamente no conteúdo de um texto escrito em 1879, portanto, há 120 anos, pelo poeta camaralobense, Joaquim Pestana.

Com efeito, segundo Joaquim Pestana, a tradição dizia que para a hoje denominada boca dos Namorados viera um indivíduo de nome Pedro, que se enamorara de uma linha menina chamada Inês, provavelmente residente no Curral das Freiras. Como Pedro não lhe pudesse falar a cada momento, em virtude de viver separado pelo abismo da Boca dos Namorados, fazia acordar os vales com o doce nome de Inês, que sempre lhe correspondia com o nome de Pedro.

Acreditando-se ou não nesta explicação para a origem do nome, a verdade é que ela é a única existente e segundo diz o povo, quando não há pão, não nos resta outra alternativa senão comer bolo ²².

18. DAR COM UMA MÃO E TIRAR COM OUTRA

No Estreito de Câmara de Lobos, tal como, de resto, aconteceu com a generalidade das freguesias da Madeira, a energia eléctrica só chegou nos finais da década de 50, mais precisamente a 14 de Dezembro de 1956.

Anos antes, a 1 de Junho de 1952, havia sido inaugurada a levada do norte sendo frequente ver a água correr pelas inúmeras levadas tanto da freguesia do Estreito como de Câmara de Lobos, a céu aberto.

Para além do benefício que causou à agricultura, estas águas também viriam beneficiar muitas donas de casa, uma vez que estas não dispondo de água potável canalizada e passando estas levadas próximo às suas casas, aproveitavam não só para improvisarem lavadouros junto delas, onde lavavam a roupa da semana, como também para desviarem algumas vasilhas ou aguadores do precioso líquido para a higiene pessoal, lavagem dos terreiros e quintais e rega das flores que tinham em casa.

Naturalmente que, quem não gostava desta utilização indevida das águas da levada, era quem as utilizava para rega e que para esse fim as tinham adquirido, uma vez que ao longo do extenso percurso da levada, inúmeras eram as pessoas que a usavam abusivamente, o que fazia com que, em vez de uma levada cheia de água, o seu

²² Crónica transmitida na rádio DN-TSF a 17 de Janeiro de 1998.

utilizador acabasse por receber, umas escorralhas insuficientes para regar os seus terrenos.

Para evitar estas situações de "roubo" as águas foram, então, emanilhadas deixando de as haver à superfície, sem contemplação alguma para com o povo que precisa de se lavar para poder andar limpo.

Não esqueçamos que nos anos 50, não havia, nas freguesias rurais, distribuição pública de água ao domicílio e, quem dela necessitava teria de recorrer ao pesado aguador de folha, por que na altura não os havia de plástico, e percorrer, muitas vezes, longas distâncias, facto que desencorajava muitas limpezas ou desperdícios de água.

Ora, tendo este emanilhamento das levadas se verificado na altura em que a luz eléctrica havia chegado à freguesia, não faltou quem, como o correspondente local do Eco do Funchal maldissesse este modernismo e escrevesse, com alguma revolta, que se havia dado a luz eléctrica ao povo, mas, em contrapartida, se lhe havia retirado a água, donde mais perto a podiam levar.

Não há dúvida, de que, quando a esmola é muito grande o pobre, mesmo que o não queira, é obrigado a desconfiar e, cada vez se torna evidente que, os políticos ao darem alguma coisa com a mão direita, não tarda muito que não estendam a esquerda para retirar a dádiva anterior ²³.

19. AS ORIGENS DA FESTA DAS CEREJAS

A cereja é um fruto cuja cultura predomina na zona alta da freguesia do Jardim da Serra, ainda que outrora grandes quantidades fossem também encontradas tanto na freguesia do Curral das Freiras como da Serra de Água.

Dada a localização da sua produção, quase que exclusiva na freguesia do Jardim da Serra e ao aspecto que assumem as suas arvores, quer na fase de floração, quer na fase em que o seu fruto já se encontra maduro, encontram-se associadas à cereja duas importantes iniciativas recreativo-culturais e promocionais desta freguesia: a festa das cerejas, criada em 1954 e o Cross das Cerejeiras em Flor, cuja primeira edição ocorreu em 1990.

Naturalmente que antes de 1954 já a cereja e as cerejeiras eram motivo de notícia na imprensa e de atracção para numerosos forasteiros. A este propósito, o correspondente no Estreito de Câmara de Lobos, de "O Jornal" em 16 de Abril de 1949 refere dá conta da azáfama e movimentação vivida em torno da produção desse ano ao se referir que *já começaram a passar à nossa porta às primeiras horas da madrugada, ranchos alegres de lavradores, que do alto desta paróquia, do Jardim da Serra, a cantar e a trovar descem ao mercado, vender estes preciosos frutos regionais. Este ano, dizem-nos que há muitas, mas cá por baixo ainda não apareceram porque por ora o preço ainda se mantém alto, é para pagar dívidas; só no fim é que vêem as ofertas... Em breve atraídos pela beleza do espectáculo das cerejeiras vermelhas de frutos maduros, aparecerão por cá por cima numerosas excursões do Funchal.*

²³ Crónica transmitida pela rádio DN-TSF a 13 de Dezembro de 1998.

Ainda que, desde longa data, as pessoas, por tradição, se deslocassem no mês de Junho às zonas altas do Estreito para contemplarem as cerejeiras carregadas de cerejas, só a partir de 1954, coincidindo, de certa forma com a acessibilidade automóvel, a esta localidade, onde estas árvores possuem o seu viveiro natural, é que as cerejas se viriam a assumir verdadeiramente como cartaz promocional.

Com efeito, neste ano de 1954, por iniciativa do Dr. Castro Jorge, é organizada uma festa, na altura denominada de "Dia das Cerejas", e onde, para além de um desfile alegórico, havia também espaço para a actuação de grupos folclóricos, barracas com comes e bebes e, como não podia deixar de ser, o bom vinho e a espetada.

Estava assim criada a festa das cerejas, que depois da "festa das vindimas" é a mais antiga festa de frutos da Madeira.

Durante os primeiros anos, ela dependeu única e exclusivamente da iniciativa privada e, em determinada altura, constituiu um subterfúgio legal para que os comerciantes de carne, a pudessem comercializar fora dos talhos.

Para o efeito, chegados ao momento em que as cerejas estavam maduras, alguns comerciantes tiravam e pagavam entre si as despesas inerentes às licenças de arraial e, desta forma, tinha lugar mais um arraial, mais uma festa das cerejas e, conseqüentemente a autorização para matar e comercializar carne de vaca.

É claro que esta formula de realização da festa das cerejas, para além de, na falta de acordo ou interesse dos comerciantes, muitas vezes não se concretizar, não permitia dar à festividade a dimensão necessária.

Depois de 1960, com a criação da paróquia de São Tiago, cuja área de influência abrange a hoje freguesia do Jardim da Serra, onde a produção de cerejas é quase que exclusiva e, com o assumir de funções à frente da paróquia por parte do padre Mário Tavares, a festa das cerejas ganha outra dimensão.

Com efeito, o padre Mário Tavares não só assumiria a organização da festa das cerejas, como, associá-la-ia a uma festividade religiosa, juntando desta forma o útil ao agradável.

Através da festividade religiosa são conseguidas as infra-estruturas para o suporte da festa das cerejas e, com o impacto e a importância que tinha a festa das cerejas, valorizada ficaria também a festa religiosa e a localidade.

Contudo, a situação ainda não era a ideal e havia necessidade de dar maior projecção a este evento, facto só possível, a exemplo de outras festas de frutos, mediante a colaboração da Câmara e do Governo Regional.

É assim que, a partir de 1990 se começam a ouvir vozes incentivando tanto a Câmara como o Governo Regional a uma maior intervenção nesta festa.

Por outro lado, com o mesmo objectivo e porque noutras localidades, outras festas de frutos eram organizadas pelas respectivas Casas do Povo, a Junta de Freguesia do Estreito de Câmara de Lobos, numa altura em que o Jardim da Serra ainda não havia sido elevado à categoria de freguesia, decide liderar o processo conducente à reactivação da antiga casa do Povo Local.

Depois de reactivada, a Casa do Povo do Estreito viria então a assumir a responsabilidade pela organização da festa das cerejas, responsabilidade que, com a

criação, em 1996, da freguesia do Jardim da Serra passaria, por sua vez, para a respectiva Casa do Povo²⁴.

20. OS APELIDOS

Ainda que as alcunhas ou os apelidos se apliquem na generalidade mais a pessoas singulares, não raras vezes elas também se referem a populações e na sua génese há quase sempre uma determinada particularidade que se individualiza, seja ela de natureza socio-cultural ou económica, seja ainda devido a acontecimentos marcantes.

Na maior parte dos casos, infelizmente, encontram-se associados a significados depreciativos e, como tal, nunca bem aceites pelas populações visadas.

Sendo assim, é natural que a sua utilização, só é feita quando se pretende denegrir a imagem dos elementos dessa população ou, pura e simplesmente ridicularizá-la, o que tem naturalmente a ver com o contexto e a forma como é feita.

Tal como acontece com outras freguesias da Madeira, veja-se por exemplo os casos dos "profetas" e "burreiros", associados ao Porto Santo e Caniçal, os habitantes da freguesia de Câmara de Lobos, também têm alcunhas, destacando-se, no entanto, de entre ela a classe piscatória ou dela originária, uma vez que é sobre ela que recaem todas as alcunhas conhecidas, ainda que as pessoas tentem generalizá-las, não só a toda a freguesia como a todo o concelho.

De todas as alcunhas, a de xavelha é a mais conhecida e, também a mais depreciativa. Várias são as explicações dadas para fundamentar a origem deste termo, nomeadamente a sua ligação com um barco com a mesma denominação utilizado pelos pescadores de Câmara de Lobos.

Na ausência de outra versão melhor nada mais nos resta do que nos contentar com esta, apesar de não encontramos razão para se ter transformado num termo tão depreciativo.

Outra das alcunhas dos habitantes de Câmara de Lobos é a de Charnota ou Chernota. O padre Eduardo Clemente Nunes Pereira, na sua obra "Ilhas de Zarco", explica que estas alcunhas teriam tido origem no facto dos pescadores camaralobenses utilizarem estes termos para denominarem os chernes pequenos, facto que depois levou a que passassem a ser gozados devido a essa terminologia.

Menos conhecido, mas constante da lista de alcunhas da população de Câmara de Lobos, estão ainda os termos "tangerino" e "pisquito".

Tangerino tem naturalmente origem na palavra Tânger, e quererá traduzir a relação entre os traços fisionómicos de alguns pescadores locais e os habitantes de Tânger, ou do Norte de África, o que nos leva a admitir que alguns dos primeiros pescadores que se fixaram em Câmara de Lobos tivessem ascendência árabe.

Pisquito é um termo depreciativo relacionado com o pescador e cuja origem neste momento desconheço.

²⁴ Crónica transmitida pela DN-TSF a 20 de Junho de 1999

Naturalmente que apesar da freguesia de Câmara de Lobos reunir o maior e mais conhecido número de alcunhas do concelho, as freguesias do Estreito de Câmara de Lobos e Curral das Freiras não ficam isentas.

Assim no Estreito para além do epíteto de “faquistas”, que compartilham com a freguesia de Santo António e que surgiu em consequência da tendência algo anormal para utilização de facas e navalhas em rixas entre os seus habitantes, há também o de “fumeiro”, cuja explicação, poderá estar relacionada com o frequente nevoeiro que noutros tempos assolava esta localidade, ainda que haja quem defenda que tal epíteto se ficasse a dever à actividade de carvoaria.

No Curral das Freitas, a alcunha de “cabreiro”, assenta que nem uma luva, ou não estivesse esta freguesia desde o início ligado à pastorícia.

21. FREI PEDRO DA GUARDA

Em tempos que a memória do povo já esqueceu, viveu em Câmara de Lobos, mais precisamente no convento de São Bernardino, um frade franciscano, a que as gentes da Madeira se habituaram a chamar de Santo Servo de Deus.

Trata-se de frei Pedro da Guarda, natural da Guarda, onde nasceu no ano de 1435, mas que, segundo se diz, cansado da notoriedade e aplauso que a sua santidade provocava, junto da população da localidade onde professava, decidiu, em 1485 vir para a Madeira onde se fixou no pequeno ermitério de São Bernardino, em Câmara de Lobos e onde morreu aos 70 anos de idade, a 27 de Julho de 1505.

Segundo diz a tradição e alguns escritos, nos 20 anos em que viveu na Madeira, terá escolhido a tarefa de cozinheiro por ser a mais humilde e áspera, mas apesar de fazer o comer para os outros frades, nada reservava para si. Só nos dias de festa comia migalhas de pão e os sobejos de peixe que os demais religiosos deixavam.

O resto do tempo jejuava ou comia alguns frutos silvestres.

As ofertas que lhe levavam os pescadores da freguesia, entregava-as todas para o convento ou repartia com algum pobre.

Dizia-se também, a propósito da sua actividade de cozinheiro, que apesar de trabalhar nesse ofício, quase nunca era o Santo Servo de Deus quem fazia o comer ou lavava as panelas.

Com efeito refugiando-se, horas perdidas, no seu inóspito local de oração, esquecia-se muitas vezes esquecia-se das suas responsabilidades e eram os anjos que vindos do céu desempenham a obrigação que lhe estava destinada.

Quando rezava, os outros frades às vezes iam espreitá-lo e não raras vezes o viam erguido do chão, suspenso no ar.

Dizem também que tinha dons de profecia e tinha um completo domínio sobre as aves do ar e os bichinhos da terra, obedecendo todos à sua voz.

Tinha também dons milagreiros, tendo curado muitos enfermos, estando descritos à altura da sua morte mais de 600 milagres.

Conta-se que não havendo no convento de São Bernardino fatia de pão e tendo os mendigos batido à sua porta, em busca de alimento, Frei Pedro da Guarda, presenciando a tristeza do Guardiã do convento em não lhes poder matar a fome, pede-lhe licença para ir à dispensa ver se nela encontrava socorro, à mesma dispensa

que, poucos minutos antes o guardião, na procura do mesmo socorro a fora encontrar vazia..

Contudo, consciente dos dons de Frei Pedro da Guarda, o Guardião deu-lhe licença e, eis que o milagre aconteceu e Frei Pedro da Guarda trás um saco de pão, em quantidade mais do que suficiente para alimentar os mendigos.

Ao ver chegar a sua morte despediu-se dos restantes frades e no seu leito aguardou serenamente o momento, que seria assinalado com o ruído ensurdecedor dos sinos do convento, sem quem alguém os tivesse a tocar. Perante este fenómeno acudiram os frades ao seu leito, onde o encontraram defunto.

Perante a notícia da sua morte, muitas foram as pessoas que o foram venerar, veneração que se manteve ao longo dos anos, transformando-se o convento de São Bernardino num importante centro de romagens aonde afluíam pessoas de toda a ilha, na procura de cura para os seus males ou agradecendo graças recebidas e poucos eram aqueles que não levavam um pouco da terra da sua sepultura que se dizia ter também dons de milagre

Contudo, ainda que tivesse fama de santo e de ter havido vários processos conducentes à sua canonização, nenhum deles haveria de chegar ao fim.

Por outro lado, em 1835, o seu culto viria a sofrer um grande revés com a sua proibição e queima pública de todos os seus objectos de culto.

Ainda que este facto teve por consequência uma diminuição assinalável na sua devoção é curioso que, ainda hoje, a igreja lhe presta honras de santo, nomeadamente na paróquia de Santa Cecília, em Câmara de Lobos, com sede no antigo convento de São Bernardino onde, anualmente tem direito a uma importante solenidade, em sua honra e onde pode ser observado o lugar atribuído ao seu túmulo e a furna onde se diz que passava a maior parte do tempo a orar.

21. FREI PEDRO DA GUARDA – Estudo histórico de Nuno de Montemor²⁵

Publicado no Jornal A GUARDA
na sua edição de 23 de Julho de 1948
e reeditado em separata a 17 de Outubro de 1950

“Em Março de 1927, na hora exacta em que escrevia as últimas páginas de um livro, trouxe-me o correio uma alegríssima carta do Dr. Joaquim Diniz da Fonseca que era mais um grito espiritual, do que a surpresa emocionante de um belo alvitre literário. Omitindo os formosos adjectivos, que muito me lisonjeariam se lhes pudesse corresponder perfeita realidade, aqui resumo, em quatro palavras, o que o meu

²⁵ Notas do autor desta transcrição. Este estudo foi apresentado numa comunicação, no Congresso Beirão realizado em Braga, em Julho de 1948. Ainda que o seu autor tivesse prometido escrever um livro sobre o frade e a que deveria dar o título de O Serafim da Estrela, tal nunca chegou a acontecer, por motivos que ele próprio justificou de irremovíveis e bem dolorosos.

Na cidade da Guarda um painel de azulejos situado nas escadinhas de São Pedro e o nome de Frei Pedro atribuído a um arruamento, constituem os dados mais significativos que associam Frei Pedro da Guarda àquela que foi a terra do seu nascimento.

distinto amigo me comunicou, calorosamente:

Apresento-lhe um santo da nossa terra, tão belo e delicado, que o recomendo à sua pena.

Para quem conhece o feitio algo severo e a avareza epistolar do Dr. Joaquim Diniz, uma carta destas, espontânea e ardente, era de erguer fervura na tinta do meu tinteiro.

Encontramo-nos depois em Lisboa, conversamos, e, por delicada iniciativa sua, foram postos na minha mesa documentos, manuscritos e impressos, sobre a encantadora e excelsa figura de Frei Pedro da Guarda.

Logo porém, a uma breve leitura, me lembrei de que, para se fazer obra completa, me seria talvez necessário ir à ilha da Madeira, onde o santo viveu os últimos vinte anos e teve capelas, estátuas, painéis devotos e procissões a que se tributava um culto maior do que o de Nun'Alvares, e, para a viagem me preparava, quando o meu escalavrado figado me derrubou, atirando-me 5 anos para as torturas dos hospitais...

Entretanto, soubera-se em Roma, por onde está a correr o processo de beatificação, que o escritor Nuno de Montemor ia escrever um livro sobre Frei Pedro, e alguns pobres frades alarmados, receosos de que eu lhes desfigurasse um irmão da Ordem, procuraram o Dr. Mendes do Carmo, então Reitor do Colégio Português, em Roma, para que este meu velho amigo me convencesse a renunciar ao intento. Ingénuos frades que me não conheciam... Como se isso fora possível! Já lá vão anos...

Decerto, não foram os frades romanos nem a intervenção de ninguém que me detiveram a pena.

Os motivos irremovíveis, bem dolorosos, foram outros, e ainda espero que um dia me deixarão publicar o livro, que cheguei a anunciar com o título "O Serafim da Estrela".

Numa hora em que a Guarda está em festa, reunindo todas as Beiras em sua casa, nestes últimos dias de Julho, em que completam precisamente 515 anos que o santo nasceu e foi baptizado na Igreja de S. Vicente, da cidade, apraz-me dar à A Guarda um resumo dos meus trabalhos, aliás nunca esquecidos, na esperança comovida e certa de que já não virá muito longe o dia em que nesta terra tão azul e tão alta, se erguerá o altar de um dos mais formosos e santos corações de Portugal, glorificado em todo o mundo e em todas as línguas, e só desconhecido na terra, onde nasceu e que tanto amou.

Aqueles que porventura se cansam e desiludam com esta demora de tantos anos, lembro que Nun'Alvares é mais velho que Frei Pedro, e de que só há pouco atingiu os altares da beatificação.

A CARIDADE DOS POBRES COM OS POBRES

Muito se engana quem julgue que nesses escuros e recuados tempos do século XV, a caridade era luxuosa fada de manto e coroa, que só vinha dos Paços Reais ou dos solares opulentos dos fidalgos, a visitar os pobres e doentes.

Antes que a magnânima rainha D. Leonor imaginasse e fundasse os santos abrigos das Misericórdias, já na Guarda fria e nevada, um casal de pobres tecelões de panos, João Luiz e Águeda Gonçalves, fundavam na sua própria casa, sustentado pelo seu trabalho, um hospital-albergue, onde se acolhiam os enfermos filhos da cidade e os miserandos peregrinos de passagem.

Dia e noite, os pentes dos teares de João e Águeda cantavam, em amorosa fadiga, a ganharem o lençol, o caldo e os remédios dos doentes.

Teares pobres, feitos de pau castanho, de liços e canas, teares de panos grossos, tecidos com lãs churras da Estrela, de que então se vestiam operários, pastores e ganhões, e até as moças coradas e sadias da Guarda, com os seus mantéus e mantilhas de burel pardo.

Os fidalgos da corte — tão raro e precioso era o dinheiro! — vestiam de seda, oiro e prata, pela quantia de meio tostão cada um, nessas remotas eras em que os almotacés — os fiscais dos mercados — não consentiam que animais da grandeza de uma vaca custassem mais que um vintém, a não ser o burro (não se sabe porquê) que era então o anormal mais caro da época.

Tempos de miséria sórdida e de esquecimento para as dores terríveis do semelhante. Pois naquela casinha baixa de telha vã e paredes pardas, com longas e compridas dependências colmadas, para os quintais do Torreão, este humilde casal de tecelões trabalhava sem repouso, contente, ao agrado de Deus pagos pela benção de todos os que, a sofrer, lhe batiam à porta.

Clara, a filha mais velha, mas ainda menina, brincava por entre os leitos dos doentes que nela viam, consolados, as filhas mais novas, e Pedro, nascido dois anos mais cedo, em 27 de Julho de 1435, abraçava-os e beijava-os, de cama em cama, e era de todos o gracioso enfermeiro que lhes chegava o pucarinho de água, no verão, e o cobertor mais felpudo no inverno.

E as duas crianças mal saíam das enfermarias, que eram como longos corredores abrigados pela grande muralha do norte.

— Não me doba um novelo, não me ata um fio... — queixava-se por vezes João Luiz, mas contente e ufano por aquela doçura do filho que, em breve, se tornaria o ídolo da cidade.

Águeda, activa e trabalhadeira, lamentava-se também para as amigas, de que a sua Clarinha levasse a vida a bailar e a cantar, nas enferma rias, quando não havia doentes de perigo.

— Lá para os teares é que os meus filhos não dão modo nem jeito...

E assim foram crescendo os filhos do João Luiz.

PEDRO E CLARA

Clara, adaptou-se à cozinha, onde a gente da cidade levava auxílios, e Pedro, robustíssimo, sempre descalço, imitava, com infinito amor, os cães de S. Bernardo, trazendo às costas, por alta noite, os viandantes que se perdiam, desfalecidos, pelas veredas nevadas da serra.

“É um santo!” — já se dizia!...

Por sua vez, Clara, também robusta, uma tarde de inverno em que no monte do Bonfim fora enforcado, por entre as maldições gritadas da multidão, um criminoso, réu de mil infâmias, ao saber que, por ódio e desprezo, ninguém o queria enterrar, e lhe deixariam o cadáver aos lobos e aos cães, correu ao cadafalso, cortou a corda do morto, tomou-lhe a cabeça no regaço, chorou sobre ele, amortalhou-o, e como Pedro o soubesse, a ela se juntou, para os dois lhe cavarem a sepultura.

“É uma casa de santos...” — murmurou-se por toda a cidade.

Já era como se toda a gente rezasse!

Um dia, já homem de 20 anos, Pedro foi bater à porta do convento de S. Francisco, o actual quartel de Caçadores 7, para o tomarem como irmão leigo, já que ao sacerdócio não chegou nunca a sua ambição.

Quando o abade lhe perguntou o que sabia fazer, respondeu com religiosa e ingénua humildade:

— Eu ajudo minha irmã na cozinha e a desfiar o linho para as feridas dos doentes.

— Queres então ser cozinheiro?

— Eu quero o que vossa paternidade quiser, mas também tenho braços e espinha rija, para trazer às costas, os que se perdem na serra...

E desde a sua entrada na ordem, nunca mais deixou o hábito.

Frei Pedro que mal aprendera letras, opunha, muitas vezes, aos que o censuravam, por deixar os pais, o caminho do completo abandono a Cristo.

“ Por Deus deixarás os teus pais, a tua mulher, os teus bens, tudo o que possuíres e mais estímares no mundo”.

E foi assim que ele professou, mandando a camisa e as ceroulas aos pobres, roupas que não mais vestiu, contentando-se, alegremente, e por toda a vida, com o hábito mais velho que lhe deram no convento, tantas vezes, ao depois, ensopado em sangue com os cilícios férreos da mortificação.

Não havia, porém, suplício, que lhe diminuísse a robustez heróica.

Como ele desejava e pedia, deixavam-no em noites de cerrado nevão, correr, descalço, por cerros e veredas da montanha, até alta madrugada e quando voltava, sozinho, murmurava, radioso, sacudindo a neve que o cobria:

— Ninguém... Não se perdeu ninguém!

Deitava-se, então, consolado, sobre um feixe de vides nodosas, no pavimento gelado da igreja ou numa tábua dura de carvalho, e dormia o sono de um anjo na doce paz do Senhor.

Se o seu angélico sono se prolongava para além do meio dia, os frades riam, brincando à volta dele, como à roda de um berço de criança, que ia ficar aflita quando, ao acordar, se lembrasse do esquecido almoço e da cozinha sem arrumo, mas como nenhum dos seus trabalhos sofria prejuízo ou demora, já na cidade e no convento se acreditava a lenda de que os anjos, em certos dias, lhe acendiam o lume e lhe escumavam as panelas, enquanto Pedro dormia.

O TRAVESSEIRO DE PEDRO ERA UMA PEDRA DA GUARDA

Uma das obras piedosas de Pedro era a visita diária aos presos, então odiados e desprezados por toda a gente.

Havia-os de todas as classes, manchados por todos os crimes, caídos na mais negra tristeza, e pasmado ficou quando, um dia de Natal, surpreendeu um grande e jubiloso alvoroço, que, das janelas gradeadas e baixas da cadeia, retumbava para as ruas vizinhas.

Que feliz nova era aquela que até aos presos dava alegria?

Explicaram-lhe.

De Lisboa, o Rei mandara emissários, a prometer perdão aos criminosos robustos que se alistassem nas tripulações das naus, que partiam a descobrir novas terras e a povoar as já conhecidas, ao longo da costa africana.

Os criminosos oferecidos saíam da Guarda no dia do novo ano, escoltados até

Lisboa por um troço de soldados, que os conduziria, atados por cordas uns aos outros, até os deixarem nos bojos das naus, ancora das a meio do Tejo.

Abraçaram-se todos a Pedro, esperançados, contentes a pedirem-lhe que rezassem por eles, para se livrarem daqueles monstros marinhos, tão grandes como a serra da Estrela, que, de um trago, engoliam uma nau inteira.

Nesse momento, soube o ingénuo frade, pelos emissários da corte, que, em países onde ainda ninguém fôra, por mar, vivia gente de todas as cores — pretos, vermelhos, amarelos, bronzeados — que só não amavam a Deus, porque nunca tinham ouvido o nome de Jesus.

A arder de entusiasmo, Pedro correu, alvoroçado, ao convento. Também queria ir, só para falar do bom Deus aos homens que o desconheciam... E pediu, insistiu, exortou.

— Irás quando Deus aprover... — disse-lhe o superior, serenamente, a moderá-lo.

E, desde esse dia, Pedro levou a vida a sonhar com os sacrifícios gloriosos das grandes aventuras cristãs.

E nunca mais esse obsessivo pensamento deixou de o enamorar: para além dos mais altos cumes da Estrela, havia mares e terras, que nem de lá se viam, onde gentes de outras cores só não amavam a Deus, porque ninguém ainda lhes falara dele.

E a sua ambição de bem fazer alargou-se infinitamente.

A sua Guarda bem amada era já, na visão do seu amor por Cristo, tão pequenina, como uma estrela palpitante no firmamento do mundo.

Desde então, a pedra onde angelicamente dormia, como em regalado travesseiro de plumas, começou a parecer-lhe dura, a tirar-lhe o sono!

Ir para longe, andar como os Apóstolos nos perigos das selvas e das ondas, ser batido e crucificado pelos indígenas, morrer por eles, era bem melhor que ensanguentar o corpo com cilícios agudos, num cubículo escuro do convento.

Ser marinheiro do Rei, balouçar-se nas suas naus, coberto por velas brancas, avermelhadas com as cruces de Cristo, era ser apóstolo de verdade, do mais religiosos martírio.

Os horizontes vastos do convento, que davam, aos seus olhos, saudosos, metade de Portugal, não bastavam já à sede ardente de partir que o devorava.

Mas os anos passavam sem que o superior não mais lhe falasse daquela abalada, e uma noite, a tentação abraçou-se a Pedro, tomando-o inteiro: fugiria, saltando o muro do convento...

Mas era desobedecer!... Porventura não seria maior virtude sofrer os negros ferros da obediência, do que voar com asas brancas naquele sonho cruzado?

— Andais triste, irmão Pedro... — diziam-lhe os companheiros, a pene trá-lo, e a sorrir-lhe.

E o bom do frade doía-se daqueles sorrisos, por que a chaga íntima do seu coração de apóstolo, sangrava mais que os golpes das cortantes disciplinas, e quando ia à busca dos extraviados e famintos nos caminhos da serra, ficava-se horas perdidas, sentado nos montes mais altos, a visionar mundos longínquos que apenas adivinhava.

A própria voz de Jesus Cristo lhe parecia grifar, por todos os recôncavos e ravinas das serranias, estas palavras bíblicas: "Ide por toda a parte e pregai o meu Evangelho a toda a criatura..."

Ah! ele não sabia pregar, mas queria dar-se aos que sofriam, e gritar o nome de

Jesus aos que o não sabiam!

— Tão tarde! — estranhavam-lhe os irmãos, quando noite cerrada, voltava de tantas horas perdidas no sonho ardente, batido da neve e do vento.

Só então se recordava que, de todo esquecera a cozinha, que no convento provocara a fome, e a chorar, ia rojar-se aos pés do abade para que lhe perdoasse.

— Mas não faltou nada, irmão Pedro, nunca a ceia foi tão saborosa!

Os próprios frades sacerdotes já o reverenciavam, e em certos apuros a alarmes de consciência, beijavam-lhe as mãos, erguiam-lhas juntas ao céu, para que rogasse a Deus por eles.

Esta devoção que o convento já não escondia, mais lhe atormentou a humildade, e uma noite foi, contra a disciplina, acordar com gemidos, o abade:

— Deixei-me partir! Livrai-me disto, que eu não sou nenhum santo! — exorou de joelhos, de mãos na garganta, como a desfazer um laço que o estrangulava.

Brandamente, o superior desceu do catre, e também de joelhos como um devoto, murmurou:

— Ireis amanhã, irmão Pedro...

— Amanhã? Já amanhã?! — exclamou, radioso.

— Sim, de Lisboa pediram-me mais religiosos para as naus... — Tu serás um deles...

— Oh!...

Ficou extático! mudo! deslumbrado!

— Não levais saudades dos vossos pais, da vossa irmã, da vossa Guarda?

— Oh! muitas! Pois se eu lhes quero tanto!

E num soluço, todo lágrimas e sorrisos à mistura:

—... Rezarei por eles...

No dia seguinte, por entre penas e gritos da cidade que o venerava, Pedro partia, levando às costas na saca do farnel, apenas uma pedra — aquela pedra da Guarda que fora sempre o seu travesseiro, onde dormiria até à morte.

UM HÁBITO DE REMENDOS NO JARDIM DA MADEIRA

Pedro fizera já cinquenta anos, quando, por uma sereníssima manhã de rosas, em mar azul, a nau o deixou no porto do Funchal.

O Atlântico, de Lisboa até à ilha, fora um doce embalo de brisas mansas, e desembarcara num paraíso sem vento e sem frio, todo aromas e afagos, só carícias e doçuras.

Que país de anjos aquela mansão de maravilhas, onde em vez de negros muros de pedra, a dividir as terras, havia sebes de flores, e as árvores se mostravam carregadas de frutos deliciosos, ao colher da mão.

Parecia tentação do demónio!

Não era com terras de paraíso que ele sonhara, mas com países duros de evangélicos sacrifícios!

Na primeira noite, ao tirar do sacco a pedra de dormir, chorou sobre ela o terrível desengano.

Aquilo era lá terra de penas cristãs, para quem, por tantos anos, as desejava!

Teve saudades dos gemidos que ouvira aos doentes na casa de seus pais, e do peso dos homens perdidos entre a neve, quando a ele se abraçavam para os levar, às costas, até à cama do convento.

Então ele viera para uma batalha por Cristo, e saíra-lhe um jardim de terrenas delícias?!

Mas, logo de manhã, a rua do convento avermelhou de sangue, numa rixa fratricida de fidalgos espadachins, e como o mar, pela noite fora, se fora encapelando em vagalhões de ciclone, chegaram-lhe, da praia, altos gritos de mulheres e crianças, que choravam os pais, os maridos e os noivos, tragados pelas ondas do mar largo.

Ah! aquela linda terra da Madeira não era só flores e perfumes! Também lá havia crimes e desditas.

E correu à praia.

Ninguém o conhecia!

As mulheres, alucinadas, desgrenhadas, torciam os braços amaldiçoando, de mãos estendidas para o mar, enquanto os filhos meninos se lhes agarravam às saias, a tremer e a chorar, espavoridos!

“Não voltam! Já não voltam!” — clamavam de olhos em sangue, presos de agonia, nos horizontes do oceano infinito.

Pouco a pouco, o céu e o mar tornaram-se de cristal azul, e, pela tarde, as pupilas penetrantes, o olhar serrano de Frei Pedro, viu mais longe que os olhos embaciados de pranto:

— Além, na última linha do mar, vem uma barca com velas vermelhas!... — bradou Frei Pedro, apontando o braço.

— É a nossa! É a minha barca! São os meus filhos, é o meu homem! — gritou logo uma do bando, caindo aos pés do frade, enrodilhada, agra decida.

— E atrás dela vem uma vermelha com as velas brancas, todas brancas...

É a minha!... É a nossa!... — exclamou outra, arrastando-se com os filhos, a cercarem o frade.

— E ainda atrás delas, mais outras... mais três!... mais cinco!...

Um clamor de triunfal certeza se estendeu num instante, a toda a praia:

— São eles!... Vêm todos! salvaram-se todos!.

De joelhos na areia à volta de Frei Pedro, as mulheres e filhas dos pescadores beijavam-lhe o hábito.

“Foi um milagre! Foi um milagre! — gritava-se por toda a praia — este frade é santo.

— Não, não! — repudiava ele, esbracejando, como se o afrontassem e repelindo os que se lhe aproximavam — É que os meus olhos vêem mais longe que os vossos. Eu sou da serra da Estrela!

E quando todas as campanhas — uma centena de homens — chegaram à praia estenderam, para Frei Pedro os remos molhados, como se fossem palmas luzentes, a vitoriá-lo.

Estava canonizado, pelo povo do mar, o santo que vinte anos depois te ria estátuas e igrejas, num culto maior que o de Nun'Alvares.

Na noite desse dia, Frei Pedro dormiria consolado como um anjo, de cabeça sonhadora e feliz, na pedra bem amada da Guarda, que, à hora da sua morte, se dividia em lascas miudinhas de relíquia, e que muitos madeirenses ainda guardarão entre as íntimas jóias da sua devoção.

O santo daqueles mares e daquelas terras, ia prolongar o seu apostado lado durante os vinte anos que lhe restavam de vida, não já enclausurado numa sela do convento de S. Bernardino, mas numa lapa sem porta, que escolhera para sua morada.

Aberta noite e dia aos que a ele recorriam, em todas as desventuras, a sua devoção propagou-se rapidamente a toda a ilha. Tornou-se sagrada a terra da lapa onde ele vivia e se deitava.

Dali a levaram, os marinheiros, para os perigos do mar e para as amarguras das suas casas.

O mesmo punhado de terra, semeado sobre as ondas, enfunava as velas paralisadas nos perigos da calmaria, e sossegava as vagas, quando, erguidas em serras bravas, ameaçavam sepultar barcos e pescadores, e Frei Pedro sofria, na mais perfeita humildade, à medida que lhe escavavam a lapa.

— Levais a terra para me enterrardes?... — gracejava, às vezes.

A ocultas, ingénuos imaginários e pintores desenhavam-lhe o retrato, que devotamente suspendiam nos oratórios de bordo, e Frei Pedro par tia imagens e retratos onde os encontrava, rejeitando a fama dos milagres que lhe atribuíam.

A terra da lapa, onde ele se acoitava, servia de remédio para tudo, para a alma, para o mar e para os renovos e sementeiras, quando a cana do açúcar e os trigos ameaçavam morrer de vermes, e até lhe atribuíam o poder de tornar invisíveis os navios sem defesa, que os piratas iam as saltar.

Frei Pedro chorava, desolado, contra tantos louvores e prodígios que lhe atribuíam!

Ele, santo! Podia lá ser!

E para que o povo descesse da sua santidade, penitenciava-se até ao sangue, comendo apenas frutas bravias e amargas, mal provando peixes e carnes, sem que a sua vitalidade de serrano fosse abalada.

Aos setenta anos, é que a sua cabeça já se ia curvando, ligeiramente, como um arbusto fechado da Estrela ao peso da neve, no inverno.

FREI PEDRO ABENÇO A VASCO DA GAMA ²⁶

Chegamos a 1497, quando Frei Pedro atingia 62 anos de idade.

Na Madeira, ao avistarem-se as grandes naus de velas brancas, esmaltadas de cruces rubras, que iam descobrir a Índia, toda a ilha se despovoou para correr à praia, a saudá-las.

Vasco da Gama concluiria então trinta e sete anos, e não era o velho de barbas longas brancas, que os livros mostram aos alunos nas escolas.

A sua barba ainda curta, cerrada e negra, emoldurava-lhe o rosto moreno de alentejano, onde o rosto moreno de alentejano, onde cintilavam dois olhos pretos, faiscentes, dominadores.

Os marinheiros temiam-no, mas acreditavam nele e obedeciam-lhe.

A bordo das naus — Frei Pedro sabia-o — iam alguns criminosos, em busca de redenção pela bravura dos feitos que viessem a praticar, e o frade santo quis vê-los, falar-lhes, afervorá-los com abraços de benção.

Fora a visão dos presos da Guarda, que nele abriera a santa ambição de navegar e sofrer por amor de Cristo.

²⁶ Notas do autor desta transcrição. Ainda que os *Lusíadas* façam referência à passagem de Vasco da Gama pela ilha da Madeira, a quando da sua ida para a Índia, a verdade é que o *Diário de Viagem* não faz referência a tal facto e, por isso mesmo, será lícito colocar em causa a afirmação de que Frei Pedro tivesse abençoado a campanha de Vasco da Gama. Para esclarecer tal situação importante seria que Nuno Montemor tivesse revelado as suas fontes, coisa que não o fez.

O almirante e seus oficiais, duros, inflexíveis, não os deixaram desembarcar, no receio de que se extraviassem nos montes das ilhas, mas desembarcaram os marujos honestos, já sagrados por outras navegações heróicas.

O almirante, com o seu gorro azul de pluma branca e o seu gibão de veludo carmesim ao sair do seu barco, viu na praia Frei Pedro todo remendado, que os pescadores apontavam aos seus marinheiros:

— Chegai-vos a ele, que é santo... pedi-lhe, rezai-lhe...

As lendas dos mares tenebrosos ainda se não tinham dissipado. Havia gigantes horrendos que, de um só olhar, matavam exércitos; sereias formosas que, a beijos e cantares de traição, afogavam os navios.

Para conjurar estes perigos, os pescadores da Madeira ofereciam, aos marujos do Gama, a terra sagrada da lapa santa.

— Tomai dessa terra e atirai-a ao mar, que ela vos livrará da morte.

E metiam punhados de terra nas mãos dos marinheiros do Gama, que já acreditando nos milagres estupendos, a embolsavam, confiados.

A devoção por aquele frade, cercado na praia pela multidão ardente, era tanta, tão viva e clamorosa, que o almirante o mandou chamar, contagiado pela mesma fé.

— Bom frade, abençoi as minhas naus...

— Senhor Almirante, eu não sou padre de benção...

— Abençoi-me em nome de Deus...

— Pois que Deus vos abençoe senhor Almirante, e vos torne glorioso à nossa terra...

A MORTE

Aos setenta anos, de cabelo espesso, emaranhado e branco, como neve amassada, Frei Pedro, que jamais sofrera doença, começava já a dobrar a fronte para a terra.

Levara a vida inteira a sorrir, na alegre paz do Senhor, a fazer as pazes dos lares, acudindo, com o milagre do seu amor, a pobres e ricos, apenas molestado pelos tributos dados à santidade das suas virtudes, de que ele era o único a descrever.

A divina fé destas virtudes, até lhe atribuíam a graça de ver o caminho que seguiam as almas, no momento de abandonarem os corpos e havia quem jurasse tê-lo visto nas horas da prece, erguer-se da terra e ficar suspenso, para que de mais perto Deus ouvisse as suas preces e o consolasse.

Todos lhe davam devoção e louvor, e os barqueiros e navegantes acreditaram que, de tantas vezes o santo dominar o oceano, já o próprio mar guardava respeito a todos os devotos do santo.

Ele fizera a paz na terra e no mar, dominara os fidalgos soberbos e bravios, e convertera criminosos, que para a formosa ilha o continente de portava.

Quando a morte dele se avizinhava, o seu júbilo transbordou, e, cercado por todos os frades que a sua afeição convocara, para a despedida, de cabeça ainda deitada sobre aquela pedra que levava da Guarda, falou-lhes de eternidade e de perdão, e pediu que o levassem para junto da sepultura que os irmãos iam abrindo e cavando, enquanto Frei Pedro, em mal sumido canto, acompanhava, de lábios e rosto transfigurados, o ritmo surdo da enxada.

E assim Frei Pedro morreu, como se adormecesse, em 27 de Julho de 1505.

O CULTO DO SANTO

Mal o corpo de Frei Pedro desapareceu no sepulcro, logo os madeirenses lhe consagraram três capelas, onde entronizaram estátuas, retratos, painéis e recordações religiosas da sua vida, e, desde então, nenhum pescador ousava expor-se às ondas sem levar, no barco, a imagem do santo, florida ou alumiada.

Com Frei Pedro por guardião e piloto, seguros e fortes se julgavam contra os piratas, contra o mar e contra a morte.

À falta de bispos, que a Madeira ainda não possuía, pois só em 1510 a diocese foi criada, a devoção do santo deve ter sido autorizada pelo Comissário Geral dos Conventos Franciscanos, e, até ao ano de 1835, é incontestável, que o santo da Guarda teve um culto maior que Nun'Alvares, com perfeito conhecimento e aplauso dos bispos, que, ao depois, na Madeira, se foram sucedendo, até que o Papa Urbano VIII mandou organizar o processo de beatificação.

A esse tempo, já o frade egitanense era amado e venerado pelos ir mãos da sua ordem, em todos os conventos franciscanos do mundo.

E não eram só os franciscanos a bem quer-lhe.

Na Áustria, os Beneditos de Emauz publicaram a sua vida, e, grandes escritores, oradores e poetas lhe teceram hinos de glória em vários idiomas: em latim, em francês, em italiano, em espanhol, em romeno, em todas as línguas do orbe, onde chegou o formoso renome desta alma serrana de angelical doçura, de uma suavidade etérea, límpida, imensa, como o azul vivo da terra, onde nasceu.

Pela sua beatificação insistiram, nos últimos tempos, junto do pontífice: o bispo do Funchal, em 3 de Outubro de 1905 ²⁷ o bispo da Guarda, em 16 de Abril de 1906; o cabido do Funchal, em 13 de Dezembro de 1905 e, no mesmo ano, o Cardeal Patriarca de Lisboa, e o Geral dos Frades menores, em 13 de Junho de 1908.

E através de mais antigos tempos: o bispo da Guarda em 28 de Novembro de 1624, e a Câmara da Guarda em 24 de Novembro do mesmo ano.

O cabido e a Câmara do Funchal, já tinham feito a sua representação, à Santa Sé, em 24 de Novembro de 1624.

Entretanto, a missa em louvor de Frei Pedro, era celebrada no oitavo dia de todos os Santos, sempre à espera de que o Papa lhe assinasse missa especial, em dia próprio. E os esforços para a sua beatificação, que, em certos períodos, a política odienta ameaçava afogar, renovaram-se com redobrado ardor.

E assim, as orações e desejos pela beatificação de Frei Pedro continuaram, até que surgiu a luta fratricida de legitimistas e pedristas.

Com a vitória dos últimos, capelas e imagens do santo foram reduzidas a entulho e cinzas pelo cónego Alfredo de Braga, categorizado maçom, que expressamente Lisboa nomeara para esta destruição, ajudado por um raivoso cabido de cónegos seus irmãos de seita, também expressamente escolhidos para a grosseira e selvática impiedade.

No entanto, o processo da beatificação continuou e continua em Roma, não sendo para admirar a sua demora, pois que Nun'Alvares — a grande figura nacional — mais velho que Frei Pedro da Guarda, só há pouco foi beatificado.

²⁷ Notas do autor desta reprodução. Na sua reunião de 24 de Outubro de 1905 também a Câmara Municipal de Câmara de Lobos delibera apelar ao Papa no sentido do restabelecimento do culto a Frei Pedro da Guarda (ver Revista Girão, Vol.1, nº10, 1º semestre de 1993, pg. 492)

De desejar é que todos os egitanienses rezem por esta beatificação, para glória de Deus e também desta nossa Guarda, que todos amamos.

UMA RECORDAÇÃO

Das aturadas pesquisas a que tenho procedido, discretamente, entre a mais velha gente da Guarda, destaco uma recordação dos meus recuados tempos de estudante.

Havia, na cidade, um habilíssimo mestre canteiro, chamado José Valentim.

À proba e hábil dedicação desse grande artista popular, deve a nossa catedral fiéis trabalhos de reconstituição, aplaudidos por arquitectos notáveis como Resendo Carvalheiro.

Creio que a este canteiro se devem também a estátua que decorava a frontaria da antiga igreja do seminário, e ainda umas artísticas armas episcopais que a sanha rubra de 1910 mutilou — estátuas e armas que mereceram as honras de se verem incluídas no tesouro do nosso mu seu.

Pois uma tarde em que o hábil mestre canteiro abria formosos desenhos num bloco de granito, à sombra da Sé, eu, estudantito que me sentara a seu lado, sobre a minha capa, dobrada em almofada, disse-lhe:

— Os senhores, os pedreiros, deviam assinar com uma sigla, aberta a cinzel, as pedras que trabalham, como os escritores, escritoras e pintores assinam as suas obras.

— Uma sigla?!

— Sim, uma sigla, um sinal, uma espécie de assinatura a cinzel, como deixaram, no mosteiro da Batalha e noutros monumentos, os pedreiros que fizeram os templos.

O simpático artista, homem de poucas palavras, fitou-me com os seus grandes olhos claros, meio escondidos nas suas ramalhudas sobranceiras, e, numa voz profunda de legítimo orgulho, respondeu:

— Sim, senhor. Era assim mesmo que devia ser, porque nós, os operários, também temos alma e cabeça.

Depois, suspensa a massa e o cinzel, guardou, por momentos, um silêncio concentrado, e passando os olhos extasiados pela nossa formosa Sé, como se a beijasse, perguntou-me:

— O menino estuda para padre?

— É verdade, senhor Valentim?

— Pois virá o tempo em que os padres virão dizer missa, nesta Sé, a um santo da nossa terra, um santo filho de operários como eu. Coisas que o menino não sabe...

Com certeza era Frei Pedro, filho de tecelões, que o bom Valentim se referia.

Pena tenho hoje de que a minha verde meninice, onde, nem de longe, apontava o destino desta minha esgotante e triste vida de escritor, não pudesse adivinhar os tesouros prováveis de informação popular que aquele homem me podia dar.

Quero acrescentar que os bosquejos recolhidos e pacientemente estudados que, em breve resumo, aqui deixo, não são voos líricos de lenda, que é muitas vezes a verdade florida, mas andam todas em velhos documentos escritos ou nas tradições orais, e as tradições são fontes límpidas que a história desempoeira, recolhe e vivifica, quando se trata de reconstituir figuras já de si maravilhosas, a dentro do ambiente certo e sabido em que viveram.

E termino estas notas breves, sobre o santo da Guarda, oferecendo aos paroquianos de S. Vicente, este texto, onde se lê que o santo era da sua freguesia e nela foi baptizado.

GUARDA, URBE BEIRANA E PROVINCIAE IN REGNO LUSITANIAE, LUCEM ANNO 1435, DEDIT BEATO PETRO, A LOCO NATALI IN GUARDA DICTO, QUI IN PAROECIAL TEMPLO VICENTII, BAPTISMATIS LAVACRO ABLUTUS EST.

NOTA FINAL

Aos cépticos que julguem inverosímil a tradição de Frei Pedro da Guarda ter abençoado os descobridores da Índia, lembro que, depois da lúcida e culta discussão, em 1923, entre o grande professor da Universidade de Lisboa, Dr. José Maria Rodrigues, e o sábio e glorioso Almirante Gago Coutinho, provado ficou que as naus de Vasco da Gama tocaram na Madeira, onde se demoraram.

De espantar seria que o Santo, nesses ansiosos dias, vivendo, a toda a hora, adorado entre marujos e pescadores, se escondesse dos homens do Gama, que iam, não só descobrir mundos novos, mas difundir o nome de Cristo, abrasados pelo mesmo fogo patriótico e cristão que levara o santo a deixar a Guarda.

E se, por estranha humildade, ele se escondesse no retiro da sua lapa, os marítimos madeirenses e os seus camaradas das naus, lá o iriam buscar, e nesta lapa colheriam aquela terra de maravilha, que mandasse nos ventos e nas ondas.

E é tempo de fechar estes ligeiros esboços, pois, por agora foi apenas meu intento apresentar à Guarda e aos que hoje a visitam, o santo egiteniense [...].”